



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

CRISTINA MARIA CARRANCA GUEDELHA MARQUES

**A Dignidade da criança,
segundo a Doutrina Social da Igreja.**

**Uma reflexão no âmbito da lecionação da disciplina de
Educação Moral e Religiosa Católica da Unidade Letiva 4,
do 6º ano Escolaridade do 2ºciclo do Ensino Básico.**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada sob
orientação de:**

Professor Doutor José Manuel Pereira de Almeida

Mestre Cristina de Sá Carvalho

**Lisboa
2014**

ÍNDICE

CAPITULO I

CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA ONDE DECORREU PES

1. CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	4
1.1. RESUMO HISTÓRICO.....	4
1.2. COMUNIDADE EDUCATIVA: Grupos e Atividades.....	4
1.3. SER SALESIANO.....	5
1.4. SISTEMA EDUCATIVO.....	5,6
1.5. CARATERÍSTICAS ESPACIAIS.....	6,7
1.5.1. PROJETOS SOLIDÁRIOS LIGADOS À ESCOLA – SOLSAL.....	7,8
2. MÉTODO EDUCATIVO – SISTEMA PREVENTIVO DE D.BOSCO.....	10,11
3. CARATERIZAÇÃO DA TURMA.....	9,10
4. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	10,11
4.1. A CRIANÇA NA PERSPETIVA CRISTÃ.....	11,12

CAPITULO II

PERSPETIVA DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

INTRODUÇÃO.....	13,14
1. A POBREZA E AS INJUSTIÇAS SOCIAIS.....	14,15
2. PAPEL DA FAMÍLIA NA VIDA DA CRIANÇA.....	5 a 17
3. A CRIANÇA.....	17
3.1. A DIGNIDADE E OS DIREITOS DA CRIANÇA.....	18
3.2. A CRIANÇA É O FUTURO.....	19,20
3.3. A CRIANÇA NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA.....	20,21

4. A BIÓÉTICA E A ÉTICA DA VIDA.....	21
4.1. A PESSOA E A BIOÉTICA.....	23,24
4.2. A BIÓÉTICA E OS DIREITOS DA CRIANÇA.....	24
4.2.1. AS ORIGENS DA CRIANÇA.....	25
4.2.2. OS LAÇOS DA CRIANÇA.....	25
4.2.3. O CORPO DA CRIANÇA.....	26
4.3. A PODREZA.....	26,27
4.4. A	
SOLIDARIEDADE.....	27
4.4.1. NA PERSPETIVA DA BIÓÉTICA.....	28
4.4.2. NA PERSPETIVA CRISTÃ.....	28
5. DIREITOS HUMANOS DA HISTÓRIA DA LIBERDADE.....	28,29
5.1. FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DOS DIREITOS HUMANOS...32	
5.2. EXCLUSÃO SOCIAL E POBREZA.....	32,33
5.3. A SOLIDARIEDADE – DIMENSÃO E SIGNIFICADO.....	34,35,36
 CONCLUSÃO.....	 35,37

CAPITULO III

PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4 DO SEXTO ANO DE ESCOLARIEDADE

1. FUNDAMENTAÇÃO PARA A ALTERAÇÃO DA PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE.....	39
2. DESCRIÇÃO PSICOLOGICA DA CRIANÇA.....	40
3. EXPERIÊNCIA DE LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA.....	40,41
4. PLANIFICAÇÃO ELABORADA E APLICADA NO PES.....	42
5. A MINHA PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DA UNIDADE LETIVA.....	38
CONCLUSÃO (REFLEXÃO FINAL).....	43,44
BIBLIOGRAFIA.....	45,46
ANEXOS.....	47 a 112

CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA ONDE DECORREU PES

1. CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA

1.1. RESUMO HISTÓRICO

Na origem das "Oficinas de S. José" de Lisboa, bem como de outras instituições homónimas espalhadas pelo país a partir dos anos 80 do século XIX, encontramos uma ideia diretamente inspirada no modelo oferecido pela Oficina de S. José do Porto (1883) e indiretamente, através desta, no espírito e nas obras educativas promovidas por S. João Bosco a favor dos jovens mais pobres e abandonados pela sociedade. Sua fundação deve-se à iniciativa conjugada de Isabel Maria de Lacerda Castelo Branco e do padre Francisco Herculano Cordeiro.

O primeiro passo baseou-se na abertura de uma escola primária no Bairro da Lapa, em 1885, à qual foi atribuída o nome de Colégio do Sagrado Coração de Jesus. Em 1890, a 1 de Outubro, foram inauguradas duas oficinas (marcenaria e sapataria), funcionando durante alguns meses na Rua de Sant'Ana à Lapa. Nessa altura regista-se a mudança do nome para Oficinas S. José. Em 23 de Abril de 1893, efetua-se a mudança para a Rua do Sacramento à Lapa, local onde os Salesianos assumiram a orientação pedagógica em 1896.

A inauguração do novo edifício, na localização atual é datada de 1906. Na sequência da revolução política de 1910, o edifício é requisitado para fins militares até 1920. Em 1925, com a chegada do salesiano Aquiles Marchetti, as artes gráficas tomam grande impulso e desenvolvimento. Em Outubro de 1964, a Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres foi confiada aos Salesianos.

A partir dos inícios da década de 70, o ensino profissional, que qualificou as Oficinas de S. José desde os seus princípios, desaparece por completo. Pouco a pouco vai sendo reduzido o internato e o ensino torna-se exclusivamente liceal. Qualificando-se e realizando-se assim, um sonho, um projeto, uma grande aventura.

1.2. COMUNIDADE EDUCATIVA: GRUPOS E ATIVIDADES

A Escola é composta pelo primeiro, segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico, Ensino Secundário. Para além da Catequese e formação cristã. São também uma possibilidade as atividades circum-curriculares, desportivas, artísticas e culturais (desporto Escolar e Federado, Musicentro, British Council, Dança, Expressão Dramática, Informática). Tendo ainda Campos de férias.

A Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, é complementada com a existência de um Centro Social. A presença diária com ocupação dos tempos livres e apoio ao estudo, Catequese e celebração litúrgica ao fim de semana, Pólo de formação no Voluntariado educativo. Ainda são referências: Desportivo Domingos Sávio, Escuteiros – CNE-Agrupamento 79, Centro de Antigos Alunos e os Cooperadores Salesianos.

1.3. SER SALESIANO

Ser salesiano é pertencer à Sociedade de S. Francisco de Sales ou Congregação Salesiana, fundada por S. João Bosco (1815-1888) e dirigida principalmente para a educação da juventude. O salesiano é, por consequente, um filho espiritual de S. João Bosco que converte a sua vida a tarefas educativas, com uma preocupação particular pelos jovens em situação de pobreza e de risco, de acordo com as diretrizes e a prática do fundador. Dom Bosco defendia que o professor na sala deve de ser um mestre e no recreio um amigo.

Então, a vida de um salesiano concerne em: viver em comunidade e empenhar-se pelos jovens; ser membro da Igreja e trabalhar de acordo com os seus ensinamentos; fazer da oração e da obediência ao Espírito de Deus o fundamento do agir; esforçar-se por tornar o sonho de S. João Bosco uma realidade e por difundir o seu estilo e o seu carisma; viver a consagração a Deus por meio dos três votos de pobreza, castidade e obediência; ser "sinal e portador do amor de Deus" aos jovens; assumir a opção preferencial de trabalhar no meio dos jovens pobres e abandonados; pertencer a um instituto religioso clerical, de direito pontifício, dedicado às obras de apostolado, reconhecido pela Igreja Católica.

1.4. SISTEMA EDUCATIVO

Relativamente ao Sistema educativo, o estilo educativo-pastoral de João Bosco e a experiência de Maria Mazzarello caracterizaram a Proposta Educativa Salesiana das escolas orientadas pelos Salesianos e pelas Filhas de Maria Auxiliadora. Assim, esta escola esforça-se por: ser popular, livre e aberta a todas as classes sociais, dando preferência aos mais abandonados e em risco. Educar em dinâmica relacional e na partilha. Ensinar e aprender com pedagogia de projeto. Apresentar-se como família educadora, na qual os jovens encontram "a sua própria casa". Realçar a personalização das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos. Dar preferência às necessidades da zona. Promover a solidariedade com os pobres e abandonados. Tornar real a participação corresponsável de todos os membros da Comunidade Educativa. Recorrer ao financiamento público para garantir a gratuidade da educação. Além disso, o nosso conceito de promoção integral das pessoas

exige-nos: ajudar a dar vida à comunidade local mediante o conhecimento e o cultivo da língua, dos costumes e da cultura da região.

Concluindo, pretende-se potenciar um clima de integração e de abertura a todos os povos e culturas. Incentivar a participação na vida e na missão da Igreja local.

A Escola Salesiana adota o estilo educativo de Dom Bosco. A escola procura compreender as suas finalidades com o estilo, o espírito e o método de Dom Bosco, que tem a caracterizá-lo: o critério preventivo que ajuda a crescer mediante propostas que encaminhem todas as possibilidades da pessoa para experiências positivas de bem; o ambiente educativo que implica, espírito de família, clima de alegria e de festa, convite à criatividade, racionalidade e flexibilidade, trabalho diário e esforço concreto, protagonismo dos próprios jovens. A relação educativa pessoal que reconhece o carácter único e a história pessoal de cada aluno e se traduz em familiaridade entre educadores e educandos, confiança e simpatia para com o mundo dos jovens, capacidade de acolhimento e diálogo; a “presença-assistência” animadora dos educadores entre os jovens que fomentam as suas iniciativas, oferecem elementos de amadurecimento pessoal, previnem experiências deformantes, proporcionam uma visão religiosa da vida; a oferta respeitosa de uma experiência de fé que leva ao encontro com Deus na vida diária, à celebração da fé, à devoção mariana, ao sentido de Igreja; as propostas de compromisso cristão no cumprimento do dever, na solidariedade, na vida social.

Desta forma a escola salesiana converte-se em “família” quando o afeto é correspondido e todos - educadores, pais e alunos - se sentem responsáveis pelo bem comum.

1.5. CARATERÍSTICAS ESPACIAIS

O estabelecimento de ensino particular denominado “*Oficinas de S. José – Associação Educativa*” encontra-se situado na Praça S. João Bosco, em Lisboa.

É formado de três blocos, cujas linhas arquitetónicas não correspondem a um plano unitário. O bloco central é constituído por dois corpos, ligados mas desarticulados um quanto ao outro no estilo: um construído nos anos 60 do século XX e do lado poente, constitui a igreja, que está ao serviço do estabelecimento e da paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, confiada aos salesianos desde 1964; o outro corpo, do lado nascente, foi construído em inícios do século XX para a nova sede das Oficinas de S. José transferidas para aqui, em Dezembro de 1905.

O estabelecimento das Oficinas de S. José, propriedade da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, é hoje uma Associação Educativa que ministra o ensino básico e secundário a cerca de dois mil alunos de ambos os sexos. Como colégio, começou a funcionar em inícios dos anos 70 do século passado. Anteriormente era uma escola de artes e ofícios; daí o nome de Oficinas de S. José, que ainda conserva na designação atual: “Oficinas de S. José – Associação Educativa”. A antiga escola profissional, além dos aprendizes em regime de internato, tinha também um grupo de alunos externos das classes primárias e, durante algum tempo, do curso comercial (1940-62). A mudança de escola técnico-profissional para estabelecimento do ensino básico e secundário ficou a dever-se à reforma de Veiga Simão, que decretou a unificação do ensino em 1969.

A partir destas raízes históricas e da opção salesiana que desde o início procura conjugar vários ambientes (centro juvenil, escola, paróquia) podemos contar com uma presença capaz de oferecer um leque muito diversificado de percursos educativos.

1.5.1. Projetos solidários ligados à Escola - SolSal

O projeto SolSal tem como MISSÃO acompanhar e formar crianças, adolescentes e jovens à luz do sistema preventivo de Dom Bosco, na expectativa de que lhes seja possível encarar o futuro com esperança e fé na inaudita capacidade humana de superar e se superar. Orienta-se pela visão de querer ser uma referência no desenvolvimento de ações continuadas e permanentes de promoção da educação, a partir da ótica da solidariedade, da positividade, do afeto e do compromisso com a vida.

Os seus objetivos são: acompanhar e orientar crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade; educar para uma participação social ativa, responsável e solidária dos jovens promovendo a reflexão através de uma educação intrinsecamente evangelizadora; combater situações de carência económica e problemáticas com elas relacionadas; resgatar as redes comunitárias de suporte social como resposta primeira e essencial aos problemas do sujeito, substituindo o ênfase tradicionalmente dado às instituições e aos técnicos.

2. MÉTODO EDUCATIVO - SISTEMA PREVENTIVO DE D. BOSCO

O método educativo de Dom Bosco é um estilo de educação, feito de ação e reflexão que pretende desenvolver no educando o protagonismo juvenil e o seu sentido de pertença à comunidade educativa. Caracteriza-se: pela vontade de os educadores estarem entre os jovens partilhando a sua vida, olhando com simpatia para o seu mundo, atentos às suas

verdadeiras exigências e valores; pelo acolhimento incondicional, força promocional e capacidade incansável de diálogo; pelo critério preventivo que crê na força do bem presente em cada jovem, também no mais carente e procura desenvolvê-la mediante experiências positivas; pela centralidade da razão, que se torna bom senso das exigências e das normas, flexibilidade e persuasão nas propostas; pela centralidade da religião, entendida como desenvolvimento do sentido de Deus congênito a toda a pessoa e esforço de evangelização cristã; pela centralidade da amorevolezza (amor, “amorabilidade”, amabilidade), que se expressa como amor educativo que faz crescer e cria correspondência; por um ambiente positivo tecido de relações interpessoais, vivificado pela presença amorosa, solidária, animadora e ativadora dos educadores e do protagonismo dos próprios jovens; por um estilo de animação, que crê nos recursos positivos do jovem.

Inspirados no amor que habita no coração e no rosto da escola salesiana, decidiram este ano letivo criar e fortalecer laços entre nós, com os outros, com D. Bosco e com Deus. Criar e fortalecer laços entre nós, significa respeitar e abraçar a singularidade de cada um. Criar e fortalecer laços com os outros, significa rasgar janelas nos muros que nos rodeiam. Criar e fortalecer laços com D. Bosco, significa conhecê-lo melhor e torná-lo presente nas palavras, nas atitudes e no olhar. Criar e fortalecer laços com Deus, significa amá-lo e morar com Ele todo o dia e os dias todos.¹

“*Criar laços*” é o tema anual que as oficinas de São José se propõem trabalhar na comunidade educativa, assim abrangendo um grupo de alunos que pertence a uma classe média alta, o conceito de pobreza não aplicável aqui, logo os alunos tem como base uma educação mais trabalhada e assente em valores à partida mais evidentes. Tendo o exemplo de seus pais e querendo manter o seu nível de vida os discentes sabem que têm de valorizar o investimento que os pais fazem para os manter numa escola onde o ensino não é gratuito. Sendo uma escola Católica, embora nem todos os alunos se assumem como crentes, participam das cerimónias religiosas e respeitam os ritos. Estão sensibilizados e vivem muitas ações de solidariedade para com a comunidade circundante que é carenciada.

Em termos de futuro é visível que a sociedade vai querer que os jovens frequentem a escola, empenhando-se assim a Educação a diversos objetivos, podendo serem acrescentados outros, que continuarão a relevar a aprendizagem académica, sendo esta o objetivo mais importante da escolaridade, isto é bastante visível nas oficinas onde quase todos pretendem seguir a sua formação académica tendo como reportação os pais.

¹ Cf. <http://www.osj.salesianos.pt/>

Richard I. Arends na sua obra “Aprender a ensinar”, aborda três aspetos do ensino: Liderança, Instrução e Organização. Estes ajudam um professor inexperiente a agir num cenário escolar complexo. Os professores lideram os seus alunos, planeando, motivando e facilitando a aprendizagem. Aprender a ensinar, apresenta a liderança sem contudo aniquilar a criatividade ou espontaneidade de um professor, não violando assim o lado artístico do ensino. Os modelos assentam basicamente nas abordagens atuais centralizadas nos alunos.

Arends, no seu segundo capítulo: “*A aprendizagem do aluno em salas de aula diversificadas*”, recorre à resposta eficaz que os professores devem dar à diversidade cultural linguística e socioeconómica, bem como, com alunos com necessidades especiais.

Contudo, esta realidade não ocorre nesta escola onde os alunos se integram nunca classe média alta e até mesmo alta. Mas, existem realidades que não diferem muito de escola para escola, a entrega quase total a esta causa, a disponibilidade para alcançar um único objetivo: o sucesso escolar dos nossos alunos, bem como a sua valorização e crescimento pessoal. Educar na diversidade é hoje o grande desafio dos professores que irão lidar em sala de aula, cada vez mais heterogêneas, com alunos com deficiências, transtornos, dificuldades, enfim, modalidades diferentes de aprender. É exemplo disso, integração na turma de uma aluna Judia e sessenta por cento dos alunos não terem prática religiosa. A escola tem de ser inclusiva, nos mais diversos aspetos. Mesmo na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e fundamentalmente nela.

3 . CARATERIZAÇÃO DA TURMA

A turma na qual pude exercer a Prática de Ensino Supervisionada (PES) é formada por vinte e nove alunos do sexto ano de escolaridade, turma A. Sendo formada por dezasseis rapazes e quinze raparigas, ambos com a média de onze anos de idade.

A zona de residência dos alunos da turma é o concelho de Lisboa e habitam quase todos, com pai, mãe e irmãos. A escolaridade dos pais varia entre o ensino secundário e o ensino superior. Relativamente às expectativas expectativas escolares, os alunos pretendem prosseguir os estudos superiores. Pertencem a uma classe média alta e não se verifica nenhum problema relativamente ao aproveitamento e comportamento da turma.

No decorrer das aulas supervisionadas que lecionei, consegui estabelecer com os discentes alguma empatia, estes revelaram-se assíduos, trabalhadores, participativos e muito dinâmicos, foram sempre cooperantes nas tarefas que lhes foram sendo propostas.

Como referia Arends, o ensino é também uma arte baseada na experiência dos professores e na sua sabedoria da prática, assim sendo esforcei-me para poder explicar os meus conhecimentos e experiências sempre que estas seriam adequadas. Não podendo esquecer que o ensino tem uma base científica, sendo os seus métodos baseados em investigações, bem como em evidências científicas.

A aprendizagem académica é o objetivo mais importante da escolaridade, realidade que se verifica nesta turma e que é por esta confirmada, quando questionada relativamente aos seus objetivos. Uma perspetiva construtivista de Arends defende que a aprendizagem é uma atividade social, em que o conhecimento torna-se algo pessoal e os alunos arquetam significados pela interação com os outros.

Penso que os professores são responsabilizados pelos métodos de ensino que aplicam, bem como, pelo que os seus alunos aprendem. Assim, nas aulas lecionadas predispus-me a transmitir uma mensagem de fé, esperança e crescimento pessoal consciente da minha tarefa como professora da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Valores que só se alcançam, quando de uma consciencialização pela informação e procura do bem comum.

4. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O tema **“A dignidade das Crianças, segundo a Doutrina Social da Igreja”** é por mim apresentado, como proposta para o meu relatório da Prática de Ensino Supervisionado, sendo o resultado da minha preocupação pessoal, face à leção da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, no âmbito da unidade letiva quatro do 6ºano, *“O pão de cada Dia”* na turma de PES.

Concluída a abordagem das temáticas e tendo em conta o interesse e a participação de cada turma, assim como a abertura a esta questão, proponho-me aprofundar esta temática numa tentativa de uma maior valorização e aprofundamento deste tema, reflexão e proposta de alguma mudança dos conteúdos programáticos propostos no que concerne a esta unidade letiva.

Escolho para tal a última unidade letiva quatro, lecionada na turma de sexto ano, com a temática *“O pão de cada dia”*. Penso que os alunos no sexto ano de escolaridade já possuem maturidade e interesse para estas problemáticas. A fome é um dos maiores flagelos da humanidade, resultando de todos os problemas sociais, sendo as crianças as mais afetadas. Muitas pessoas em todo o mundo passam fome, ou estão subnutridas, apresentando carências alimentares graves. O manual não aprofunda este problema, no que respeita às crianças, mas

penso ser de fundamental pertinência, tendo em conta o interesse, maior participação e as observações que os discentes fizeram relativamente a esta problemática no decurso das aulas.

Uma criança é um ser humano no início de seu desenvolvimento. Os aspetos psicológicos do desenvolvimento da personalidade, o comportamento, de transtornos emocionais resultantes de toda a ordem de carências, negligências, violências e abusos, que não os deixa crescer saudavelmente, com a alegria e interesses que lhes são naturais, são uma preocupação constante para pais e educadores. As escolas estão atentas a casos de negligência ou carências, Mais do que isto, sabemos que a infância é um período onde o ser humano se desenvolve psicologicamente, envolvendo graduais mudanças no comportamento da pessoa e na aquisição das bases de sua personalidade. É pois fundamental, que à criança sejam asseguradas as condições para o seu crescimento e desenvolvimento saudável.

A escola enquanto espaço de formação e principalmente a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, deve desenvolver estas temáticas uma vez que estas também se relacionam com uma das preocupações da Igreja. Não só tendo o professor de referenciar as abordagens relativamente às questões sociais que envolvem as crianças no Mundo, mas também fazer entender que muitos desses problemas estão neste caso no bairro circundante à escola, bem como na própria escola como é o caso das escolas de ensino público, não sendo as Oficinas de São José, um espaço escolar que conte com estas problemáticas, uma vez que sendo um colégio privado abrange um extrato social elevado. O professor de moral deve alertar, inculcar nos alunos o espírito de solidariedade e responsabilidade na procura do bem comum. Procurei nas aulas que lecionei no colégio transmitir essa preocupação, o que foi muito bem aceite e entendido pelos alunos, que se foram bastante participativos nas atividades que propus.

4.1. CRIANÇA NA PERSPETIVA CRISTÃ

As crianças são a esperança de um futuro melhor, são a certeza da continuidade da própria humanidade. É neste contexto que a Doutrina Social da Igreja refere: *“A família é importante e central em relação à pessoa. Neste berço da vida e do amor, o homem nasce e cresce: quando nasce uma criança, à sociedade é oferecido o dom de uma nova pessoa, que é “chamada”, desde o seu íntimo, à comunhão com os outros e à doação aos outros.”*² Por tal a sociedade tem de se preocupar, de querer saber, de proteger e de estar alerta, não é só no mundo que existem crianças com fome. A realidade das Oficinas de São José não se enquadra na maioria das escolas públicas, onde grande número de alunos carenciados, fazem apenas

² Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, pag.148.

uma única refeição na escola que frequentam. Contudo, integrando uma classe social alta, os alunos do colégio percebem que nem todas as crianças têm a sua sorte e estão conscientes que podem ser solidários.

A Doutrina Social da Igreja aponta sistematicamente a exigência de respeitar a dignidade das crianças: *“Na família, comunidade de pessoas, deve reservar-se uma especialíssima atenção à criança, de modo a desenvolver estima profunda pela sua dignidade pessoal como também grande respeito pelos seus direitos, que se devem servir generosamente. Isto vale para todas as crianças, mas reveste-se de urgência singular quando a criança for mais pequena, tiver maior necessidade, for doente, sofredora ou diminuída”*.³ Mais ainda se acrescenta, relativamente aos seus direitos que, os direitos das crianças devem ser protegidos pelos ordenamentos jurídicos. É fundamental, antes de tudo, o reconhecimento público, em todos os países do valor social da infância. *“Nenhum país do mundo, nenhum sistema político pode pensar no próprio porvir diversamente, senão através da imagem destas novas gerações, que não-de assumir dos seus progenitores o múltiplo património dos valores e das aspirações da nação à qual pertencem, juntamente com o património de toda a família humana.”*⁴

É minha preocupação como educadora e cidadã é alertar, agir, consciencializar e ajudar. Preparar e informar os alunos para a realidade e a necessidade de se ser solidário é uma das minhas prioridades na minha prática letiva. Ajudar a “construir” um mundo novo para as crianças, é edificá-lo nos princípios da democracia, da igualdade, da não-discriminação, da paz e da justiça social.

Assim, proponho-me aprofundar as diversas questões relacionadas com esta temática, pesquisando e recolhendo toda a informação essencial, considerando de fundamental importância para o meu progresso pessoal e profissional. A base da minha pesquisa será a Doutrina Social da Igreja e centrarei esta questão nas injustiças sociais que afetam tantas crianças pelo mundo inteiro.

³ Cf. Compêndio Doutrina social da Igreja. Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, pag.169.

⁴ Cf. Idem

CAPITULO II

PERSPECTIVA DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

INTRODUÇÃO

O tema “**A dignidade das Crianças, segundo a Doutrina Social da Igreja**” é a proposta que apresento para o meu relatório final, que resulta das inquietações decorrentes da mesma prática letiva que realizei no âmbito do estágio da área curricular **PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADO**. Este tema decorre ainda de uma preocupação muito pessoal, suscitada no decorrer da lecionação da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica, no âmbito da unidade letiva número quatro, do sexto ano de escolaridade, “Pão de cada Dia”. Devo ainda acrescentar que a escolha e interesse pela temática supracitada, reflete também o interesse dos alunos por esta questão, nomeadamente pelos problemas sociais, entre os quais se destacam a fome, o trabalho infantil, a violência, o tráfico de criança, a delinquência.

Desde muito cedo que a sociedade se preocupou em encontrar uma pedagogia assertiva para a criança. É disso exemplo, o trabalho realizado pelo Padre António d’Oliveira (1867-1923) que em 1911, foi o mentor da Lei de Proteção à Infância, dedicando toda a sua vida em prol das crianças mais frágeis e desvalidas pela sociedade. Dedicou-se ainda à proteção da infância desvalida e delinquente. Este homem foi o paladino dos jovens menores em Portugal. O seu único incentivo resumia-se em duas ações: crer e amar; os mais débeis, os mais necessitados e os mais desprotegidos. O mandamento base da sua doutrina alicerçava-se assim no princípio: “*Deixemos os pais, cuidemos dos filhos.*”

O padre António d’Oliveira, é pois um marco na História da Educação Social/Pedagógica em Portugal, bem como, na assistência à Infância, tendo sido apelidado de “São João Bosco” ou o “Pestalozzi” Português. O seu trabalho socioeducativo, centrado na ação direta, numa “Casa de Correção”, construída ao longo de doze anos, proporcionou-lhe importantes conhecimentos teóricos e práticos nas questões da criminalidade e delinquência infantil, nas bases jurídicas modernas do direito tutelar e nos modos de tratamento reeducativo e da inserção social dos menores.

Apesar de ter sido apelidado de “Pestalozzi” Português, pelo método de ação social e pedagógica inovadora, semelhante em alguns aspetos ao método educativo de Dom Bosco, no

entanto, não o foi totalmente. De facto, João Bosco adotou um estilo de educação assente na dualidade recíproca de duas vertentes: a ação e a reflexão, visando o desenvolvimento do protagonismo juvenil da criança e o despertar do seu sentido de pertença à comunidade educativa.

O método de Dom Bosco alicerçava-se no desejo dos educadores estarem entre os jovens partilhando com eles a sua vida e com eles desbravando olhares renovados do mundo, atentos porém, às verdadeiras exigências e valores que o mundo lhes impunha; no acolhimento incondicional, na força promocional e na capacidade incansável e permanente de criar pontes para o diálogo; no critério preventivo da crença na força do bem presente intrínseco a cada jovem, sobretudo no mais carente, procurando fortalecê-la reforçando experiências positivas; na centralidade da razão, mestra do bom senso das exigências e das normas, da flexibilidade e da persuasão nas propostas; na centralidade da religião, entendida como ponte para a consolidação da relação entre o Deus intrínseco a cada a pessoa e esforço de evangelização cristã; na centralidade da amorevolezza (amor, “amorabilidade”, amabilidade), expressa como amor educativo que impele o crescimento e cria reciprocidade; num ambiente positivo tecido de relações interpessoais, vivificado pela presença amorosa, solidária, animadora e germinadora dos educadores e do protagonismo dos próprios jovens e num estilo de animação, que crê nos recursos positivos do jovem.

Foi pois, inspirado no amor que habita no coração e no rosto de D. Bosco, que a Escola Salesiana decidiu, no presente ano lectivo, criar e fortalecer laços entre docentes, discentes e restante comunidade educativa com Dom Bosco e, através dele, com Deus. Foi este ambiente de partilha pela singularidade de cada um que experienciei durante o meu estágio no Colégio Salesiano – Oficinas de São José.

1. A POBREZA E AS INJUSTIÇAS SOCIAIS

Infelizmente a pobreza é uma calamidade mundial, à qual a sociedade tem dificuldade de escapar, não sendo por isso a Europa excepção. No caso de Portugal, dados estatísticos situam a taxa de risco de pobreza nos dezoito por cento; porém, a realidade revelada pelas organizações de solidariedade social mostram-nos que a pobreza é um flagelo em crescimento acelerado.

O combate à pobreza, para ser eficaz e produzir efeitos sustentados, tem que assentar plenamente num conhecimento mais sólido e consistente das causas e das expressões. Este

princípio implica uma vivência fraterna de justiça e de equidade, o que a meu ver, reside na organização das sociedades; e como tal não se verifica, as desigualdades sociais proliferam de forma assustadora pondo em causa os princípios mais básicos do ser humano.

Apesar de complementares em vários domínios, estes dois conceitos são distintos entre si. Geralmente, o conceito de pobreza é tratado numa perspectiva mais economicista, referindo-se às condições de vida dos indivíduos ou dos grupos, nomeadamente, aos recursos materiais como a distribuição do rendimento, as más condições de vida, os baixos níveis de instrução e qualificação profissional, o emprego precário, (instável, sem contrato, mal remunerado e/ou em más condições de trabalho).

Contudo, a pobreza mais do que um estado de carência extrema de recursos, refere-se ainda, à privação dos direitos de cidadania, nomeadamente à ausência de poder e à falta de liberdade de escolha, como por exemplo no acesso à saúde e cuidados primários, à educação e formação profissional, no acesso à cultura e à participação na vida social e política. Neste sentido, a pobreza caracteriza-se por situações de privação múltipla, que de acordo com o grau de persistência das situações, tem efeitos inter-geracionais prolongados entre os grupos. A perda de auto-estima e de identificação pessoal e social, a que corresponde a construção de um estatuto social específico, alicerçado na inferioridade e desvalorização interiorizadas, marca uma identidade negativa que leva à ruptura dos laços sociais e familiares, e até, eventualmente, conduzir a comportamentos auto-destrutivos como o alcoolismo, a toxicod dependência e, em última instância, à situação de sem-abrigo.

Pode-se pois inferir que a Pobreza, como conceito integrante da exclusão social, configura algumas dimensões retratadas na evolução do seu próprio conceito. Já a Exclusão Social abrange formas de privação não material, chegando mesmo a ultrapassar a barreira da falta de recursos económicos, tais como a falta de recursos sociais, políticos, culturais e psicológicos, que são handicaps, porque quando acumulados aumentam a vulnerabilidade e a visibilidade de determinadas categorias sociais, permitindo considerar um grupo ou uma categoria como socialmente desfavorecida.

2. O PAPEL DA FAMÍLIA NA VIDA DA CRIANÇA

A família tem aqui um papel basilar pois assume-se como instituição que garante a manutenção dos bens essenciais e da protecção; porém, por vezes a sociedade falha e as

famílias sofrem tornando-se vítimas do próprio sistema, não conseguindo assim, dar aos seus filhos o necessário para viverem uma vida meramente decente.

Ao afirmar «*Não há direitos a mais*», Armando Leandro (2012), fez uma afirmação extremamente provocatória numa época em que tanto se fala dos direitos das crianças, face ao acréscimo de crianças que diariamente são tiranas. Tais palavras do Presidente da Associação Portuguesa do Direito dos Menores e da Família (APDMF), foram proferidas à margem do encontro “*A Família e o Direito*”, realizado na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Já o Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça defende ser necessário um sistema que procure levar os direitos das crianças ao centro das suas próprias vidas: «*Não basta estar na lei, é preciso estar na nossa consciência, para a nossa afetividade e ação.*»

Apesar de considerar que existe uma progressiva interiorização dos direitos das crianças na mentalidade da sociedade, Armando Leandro sublinha que ainda estamos longe do ideal. Para o responsável da APDMF, “*é indispensável uma cultura de prevenção primária, de prevenção universalista*”. “*Hoje, a ciência e a experiência demonstram que a qualidade da infância é fundamental para que haja qualidade humana*”, acrescenta. Tal perspetiva responsabiliza tudo e todos, dado que, segundo o Presidente da APDMF, «*É preciso aprofundar esta cultura, levando as pessoas a interiorizarem os direitos, a comprometerem-se e a compreenderem que é inadmissível a violação dos direitos das crianças.*» Armando Leandro considera que, por exemplo, ainda não está suficientemente interiorizado o direito das crianças terem pais para a vida toda: «*Quando há uma separação, um divórcio, isso é, muitas vezes, esquecido. Eles continuam a ser pais, têm o dever de manter uma boa imagem para os filhos e fazer com que tenham convívio com todos.*»

Quanto ao Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça sublinha a importância de as famílias estarem melhor preparadas para exercerem – bem – a parentalidade: «*A responsabilidade parental implica a consciência dos direitos – e um dos direitos da criança é a interiorização dos valores. Tem de se apostar na prevenção: na preparação para a vida a dois, na preparação para a responsabilidade parental e colocar o centro na criança. E portanto, as instituições, a começar pela família que tem grandes responsabilidades na promoção dos direitos da criança, têm de se unir, para que sejamos capazes de prevenir o risco de perigo e reparar em tempo útil as situações de perigo. Sempre que possível, procurando recuperar a função parental em tempo útil; quando não é possível, procurar outras soluções, como a adoção.*»

As denúncias que mais frequentemente chegam às comissões de proteção de crianças e jovens, relacionam-se em regra com a negligência. Num período de crise, não há ainda dados seguros e objetivos que revelem um aumento das situações, embora as circunstâncias nesta época exijam uma atenção acrescida aos casos participados.

Armando Leandro insiste na necessidade *«da educação parental como forma de ajudar os pais a readquirirem a esperança»* e acrescenta que *«é fundamental a função parental ser bem exercida, a família tem de ter o apoio da comunidade, como a escola. A escola não pode ficar sozinha, porque tem hoje uma função não só de ensinar, mas também de educar para os valores. A sociedade tem de intervir também. Portanto, o presente e o futuro passam por interiorizar os valores, prevenir as situações de risco e perigo. Se assim for, os casos de perigo serão melhor detetados. Cada vez mais, é obrigação do cidadão, se souber de um caso de maus-tratos, participar – é uma forma de amor, é uma questão cívica»*, remata.

Alfredo Bruto da Costa, em entrevista à Agência Eclésia, declara que *“ a Educação é essencial para quebrar o ciclo de pobreza”*. O Presidente da Comissão Justiça e Paz, apela a novos métodos para retratar com rigor situações de exclusão social. Durante a conferência *«Empobrecimento. Construir a ajuda»*, organizada pela Antena UM e o Jornal de Negócios, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, Alfredo Bruto da Costa enfatiza pois o papel da Educação como agente dissuasor da Pobreza.

Atualmente, Alfredo Bruto da Costa continua a apelar aos governantes a urgência que o Governo faça inquéritos que possam retratar com maior atualidade a situação da pobreza em Portugal, pois a pobreza não só marginaliza os pobres como também revela uma pobreza marginalizada do ponto de vista político.

3. A CRIANÇA

A criança é definida como um ser humano com menos de dezoito anos, exceto se a lei nacional lhe conferir a maioridade mais cedo. Todos os direitos são aplicados a todas as crianças sem exceção de raça, religião, etnia ou sexo, cabendo ao Estado a obrigação de proteger a criança contra todas as formas de discriminação e adotar medidas positivas para promover os seus direitos. Todas as decisões que digam respeito à criança devem ter plenamente em conta o seu interesse superior, tendo o Estado que garantir à criança cuidados

adequados quando os pais, ou outras pessoas responsáveis por ela, não tenham capacidade para o fazer.

Podemos constatar o facto de que as crianças passaram a ter Direitos não há muito tempo. Antigamente crianças eram vistas como adultos em miniatura, tinham os mesmos direitos e deveres que os adultos e estavam, da mesma forma, obrigados às leis dos adultos.

A mudança de paradigma, acontece quando se começa a pensar na Criança enquanto ser em desenvolvimento ao qual devem ser conferidos direitos que lhe propiciem um crescimento saudável. Desta mudança emergiram novas teorias de aprendizagem e desenvolvimento acerca da Criança. O desenvolvimento científico e filosófico levou até diversos legisladores a pensarem em leis específicas para as crianças e adolescentes, já que a lei dos adultos não poderia nem deveria continuar a ser justaposta à criança.

No dia vinte de novembro de 1959, foi publicada pela ONU – Organização das Nações Unidas, a Declaração dos Direitos da Criança, contudo não foi nesta data nem esta convenção a primeira. Na verdade, o início aconteceu com a Declaração de Genebra no ano de 1924.

A teoria existe, mas sabemos que nem sempre é aplicada. Cabe a cada cidadão o dever moral de agir e anunciar os Direitos da Criança, exigindo a sua vigência como arauto de um novo evangelho.

3.1. A DIGNIDADE E OS DIREITOS DA CRIANÇA

A fim de acordar consciências, foram marcadas datas pelo mundo para recordar a importância de todas as crianças. O DIA DA CRIANÇA é assim assinalado de Janeiro a Dezembro em mais de cento e cinquenta países. O Dia Mundial da Criança é oficialmente o dia vinte de Novembro e é reconhecido pela ONU como Dia Universal das Crianças por ser a data em que foi aprovada a Declaração dos Direitos da Criança. No entanto, a data efetiva da comemoração varia de país para país. No nosso país a data escolhida foi o dia um de junho.

A Declaração dos Direitos da Criança, abrange actualmente cinquenta e quatro artigos, de entre os quais dizem que TODAS as crianças: devem ser protegidas pela família, pela sociedade e pelo Estado, para que possa se desenvolver física e intelectualmente; têm direito a alimentação e ao atendimento médico, antes e depois do seu nascimento; de ser socorrida em primeiro lugar em caso de acidentes ou catástrofes; o direito de crescer em ambiente de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.

Foi em 1954 que a Assembleia-Geral das Nações Unidas instituiu oficialmente o DIA DA CRIANÇA e confiou à UNICEF a responsabilidade de o promover em todo o mundo, tendo como objectivo - Divertir as crianças no quadro de manifestações e atividades organizadas em sua honra, e também sensibilizar a opinião pública para as suas necessidades e direitos, não apenas das que nos são mais próximas mas de todas as crianças do mundo.

A Convenção sobre os Direitos da Criança, documento este adoptado pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990, na sua introdução relembra os princípios fundamentais das Nações Unidas e as disposições precisas de vários tratados de direitos humanos e textos pertinentes. E reafirma o facto de as crianças, devido à sua vulnerabilidade, necessitarem de uma protecção e de uma atenção especiais, sublinhando de forma particular a responsabilidade fundamental da família no que diz respeito aos cuidados e protecção. Reafirma, ainda, a necessidade de protecção jurídica e não jurídica da criança antes e após o nascimento, a importância do respeito pelos valores culturais da comunidade da criança, e o papel vital da cooperação internacional para que os direitos da criança sejam uma realidade.

Os direitos da criança devem de ser protegidos pelos ordenamentos jurídicos. É necessário, antes de tudo, o reconhecimento público em todos os países do valor social da infância. O primeiro direito da criança é o de nascer numa verdadeira família. Contudo, nem sempre a criança é protegida por este direito, o que se irá reflectir noutras problemáticas sociais. Crianças desprotegidas são mais frágeis para as injustiças sociais, o sofrimento, a pobreza, o trabalho infantil, a fome.

A fome é caracterizada pela falta de alimento, ela está presente em vários territórios atingindo um número muito grande de pessoas. Dados afirmam que existem mais de cem milhões de pessoas que não tem onde morar, acarretando também o problema da fome, eles vivem na pobreza, sem água potável e famílias com crianças desnutridas, cerca de treze milhões de crianças com menos de cinco anos, morrem por causa da fome.

3.2. A CRIANÇA É O FUTURO

No meio dos conflitos e injustiças sociais são as crianças as mais atingidas pelas diversas calamidades. *”Para satisfazer às exigências da justiça e da equidade, é necessário esforçar-se energicamente para que, respeitando os direitos das pessoas e a índole própria de cada povo, se eliminem as grandes e crescentes desigualdades económicas atualmente*

existentes, acompanhadas da discriminação individual e social”. Assim, os bens da criação são destinados a todo o género humano. Aumentar o sentido de Deus e o conhecimento de si mesmo está na base de todo o desenvolvimento completo da sociedade humana. Tal como nos é afirmado no Catecismo da Igreja Católica, convidando-nos a participar nesse amor aos pobres e mais desprotegidos, sendo pois a solidariedade um dever para com os necessitados, não só pela sua pobreza material, bem como pelas numerosas formas de pobreza cultural e religiosa. O amor aos pobres é incompatível com o amor imoderado das riquezas ou com o uso imoderado destas. (cf. 2444 - pag. 515/6)

A alimentação desequilibrada, a fome, a subnutrição, a pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade, atinge milhões de pessoas em todo o Mundo, principalmente crianças. A distribuição do alimento pela população mundial não é uma realidade que faça justiça ao artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que afirma: *”Toda a pessoa tem o direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda aos serviços sociais necessários.”*

Neste sentido existem inúmeras Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome, assim como: a Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome e outras. Para além disso, diversos grupos de Solidariedade e voluntariado agem nas paróquias, e escolas.

A primeira Carta de João, fala-nos que o verdadeiro amor a Deus, acontece pelo amor ao próximo e exige ações concretas. A atitude que agrada a Deus é a daquele que sendo mais privilegiado, partilha e age em benefício dos mais pobres. (Cf. 1 Jo.17-18). João, ainda afirma: *”Porque todo aquele que é nascido de Deus, vence o Mundo”* (Cf. 1Jo. 5:4 a).

Também na Parábola do Rico Insensato, (Cf. Lc 12,13-21), de Lucas apela para a perigosidade da ganância humana e do desejo desmesurado de acumular riquezas. Jesus, avisa-nos que a opulência e os bens materiais não podem ser na vida de cada um o objetivo principal.

3.3. A CRIANÇA NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

O Papa João Paulo II, na sua carta às Crianças em dezembro de 1994, afirmou: *“Como é importante a criança aos olhos de Jesus! Poder-se-ia mesmo observar que o Evangelho está*

profundamente permeado pela verdade sobre a criança. Até seria possível lê-lo, no seu todo, como o «Evangelho da criança»”.

Jesus Cristo amava as crianças, pela sua simplicidade e pureza. O Papa reforça ainda na sua carta, *“Na verdade, que quer dizer: «Se não vos converterdes voltando a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus»? Porventura não apresenta Jesus a criança como modelo também para os adultos? Na criança, há algo que nunca poderá faltar em quem deseja entrar no Reino dos Céus. Ao Céu, estão destinados aqueles que são simples como as crianças, quantos são cheios de confiante abandono, ricos de bondade e puros como elas. Só esses podem encontrar em Deus um Pai, e tornarem-se, por sua vez e graças a Jesus, igualmente filhos de Deus.”*

As crianças são como se costuma dizer, o melhor do mundo. Contudo, a sua situação como vem a descrever a Doutrina Social da Igreja: *“A situação de uma grande parte das crianças no mundo está longe de ser satisfatória, por falta de condições que favoreçam o seu crescimento integral, apesar da existência de um instrumento jurídico internacional específico para a tutela dos direitos da Criança.”*

A doutrina social da Igreja indica constantemente a exigência de respeitar a dignidade das crianças: *”Na família, comunidade de pessoas, deve reservar-se uma especial atenção à criança, de modo a desenvolver estima profunda pela sua dignidade pessoal, como também respeito pelos seus direitos, que se devem servir generosamente. Isto vale para todas as crianças, mas reveste-se de urgência singular quando a criança for mais pequena, tiver maior necessidade, for doente, sofredora ou diminuída”.*

4. A BIOÉTICA E A ÉTICA DA VIDA

Com o termo Bioética, pretende-se indicar diversas coisas segundo as acepções dos vários autores; aqui usamo-la no sentido mais global a “ética da vida”, isto é, de ética que defronta os problemas que direta ou indiretamente, se relacionam com a vida e com a sua qualidade. A vida é promovida e protegida sob todas as formas, para todos e em toda a parte. Portanto, na Bioética não se deve considerar apenas a Ética Médica, ou a Moral da Vida, vida física, mas também o tratado clássico que se instituía, juntamente com os problemas da economia, do desenvolvimento socioeconómico, da diferença entre o norte e o sul da terra, da política nacional e internacional e dos outros problemas que dizem respeito ao ecossistema.

Concluindo esta ciência aponta ainda que “optar pela vida como sendo o maior valor não moral fundamentalmente, significa optar por tudo aquilo que permite a si próprio e aos outros, a plena realização de muitos outros valores. Tiramos a última palavra do livro do Deuteronómio (30,15.19): *«Vê, ofereço-te hoje, de um lado a vida e o bem; do outro a morte e o mal, ...escolhe a vida e então viverás com toda a tua posteridade»*. A auto decisão pela vida determina, não só o presente, mas também o futuro da humanidade.

O Papa Francisco terá dito ao fieis numa transmissão da Rádio Vaticano, que não podemos nos acostumar com a fome, bem como, que a cultura do desperdício deveria acabar. O Pontífice endereçou sua mensagem ao Director-geral do Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que foi lida em plenária pelo Observador da Santa Sé na FAO, Dom Luigi Travaglino.

No texto, o Pontífice insiste a frase pronunciada em 20 de junho passado, quando definiu a fome como um escândalo e um dos desafios mais sérios para a humanidade: Ao ser questionado sobre esta questão, salientou: *“ Um passo importante nessa direção seria abater as barreiras do individualismo e da escravidão do lucro a todo custo. “Penso que seja necessário hoje, mais do que nunca, educar-nos à solidariedade, redescobrir o valor e o significado desta palavra tão incómoda e deixada de lado e fazer com que ela norteie as escolhas em nível político, económico e financeiro, nas relações entre as pessoas, entre os povos e entre as nações.”*

Só se pode ser solidário de modo concreto, disse o Papa, recordando que esta atitude não se reduz ao assistencialismo, mas deve levar à independência económica.

Comentando o tema escolhido pela FAO para a celebração deste Dia, *“Sistemas alimentares sustentáveis para a segurança alimentar e a nutrição”*, o Papa pede uma renovação desses sistemas numa perspectiva solidária, ou seja, superando a lógica da exploração selvagem da criação, protegendo o meio ambiente e os seus recursos. Mais uma vez, falou da “cultura do desperdício” – sinal da “globalização da indiferença” que leva a sacrificar homens e mulheres aos ídolos do lucro e do consumo. Um fruto dessa cultura é o desperdício de alimentos – destino de quase um terço da produção alimentar mundial.

Assim sendo, *“educar-nos à solidariedade significa educar-nos à humanidade: edificar uma sociedade que seja realmente humana significa colocar no centro, sempre, a pessoa e a sua dignidade, e jamais liquidá-la à lógica do lucro”*.

Esta educação deve começar em casa, segundo o Papa Francisco, sendo esta a primeira comunidade educativa onde se aprende a cuidar do outro, do bem do outro, a amar a harmonia da criação, a gozar e compartilhar os seus frutos, favorecendo um consumo racional, equilibrado e sustentável.

“Apoiar e tutelar a família para que eduque à solidariedade e ao respeito é um passo decisivo para caminhar rumo a uma sociedade mais equa e humana”, concluiu o Pontífice, garantindo o empenho e companhia da Igreja Católica neste percurso.⁵(Fonte: Rádio Vaticano).

4.1. A PESSOA E A BIOÉTICA

Ainda numa linha reflexiva dentro da Bioética, pode salientar-se que, *“A reflexão sobre a pessoa, que atravessou toda a história da filosofia, impôs-se recentemente de maneira realmente nova com o nascimento e o desenvolvimento da Bioética.”*Deste modo, as interrogações essenciais da existência (O que é a pessoa? O que constitui a pessoa? Quando é que um ser se torna sujeito de direitos?) cruzam-se com as instâncias do progresso da ciência e esta caminharia para o seu esvaziamento, se lhe fechassem as vias de investigação e da experimentação.

Continuando nesta linha de pensamento: *“Deste modo, delinea-se um horizonte problemático, em que os dois valores em jogo, a dignidade da pessoa e o reconhecimento da autonomia da ciência, podem entrar num conflito que teoricamente já exige um ponto de vista superior, de onde se poderá derivar as vias e o método para uma solução positiva”.*

Se continuarmos com esta mesma bibliografia sobre a Bioética, que é ampla verificamos que *“ninguém escapará ao conceito de pessoa, que serve de fundamento e de ponto de referência unificados para diversas disciplinas que enfrentam, cada uma segundo a sua própria especialização, os aspetos médicos, psicológicos, culturais, sociológicos, éticos e teológicos da vida humana.”*

Em Bioética, o conceito de pessoa depara-se com uma pluralidade disciplinar, mas também com um pluralismo hermenêutico que resulta das suas diversas compreensões e visões filosóficas sobre o Homem, a sua existência e destino.

⁵ Cf. <https://www.pastoraldacrianca.org.br/pt/noticias2/2724>

Das distintas contribuições a esta temática, a pessoa, daremos primazia à ontológico-personalista, pois é apontada com mais idoneidade para iluminar a relação pessoa-corporalidade, critério essencial a toda a reflexão ulterior em Bioética, como é referido no dicionário em questão.

“A definição de pessoa dada por Boécio, é a pessoa é a substancia indivíduo de natureza racional, é partilhada pelos Filósofos e Teólogos da Idade Média. São Tomás, seguindo Boécio, precisa que: «todo o indivíduo de natureza racional é pessoa (Cf. Summa Theologiae, Iq.29,a 3 a d2)».

“O modelo ético, elaborado pelo personalismo pretende, portanto promover a verdade integral do Homem. Por isso, uma reflexão Bioética que queira permanecer humana, e humanizadora, na elaboração dos seus critérios morais, deve partir do Homem integral como Pessoa; de facto pessoa humana é o valor construtivo, transcendente, intocável e normativo tanto de reflexão ética, como toda a prática que quiser permanecer plenamente humana e moral.” (Cf.839)

Segundo este autor, Leone, esta conseqüência do Homem não só não se fecha à ciência, mas também, promove a investigação e a experimentação, concedendo ao mesmo tempo os critérios de humanização de si próprio. Na verdade, se a pessoa, com valor sentimental detém-se no centro de todo o interesse, bem é o que guarda, trata e amadurece o indivíduo enquanto pessoa, e o mal torna-se no que o desagrada, instrumentaliza, ou destrói a sua existência.

Em conclusão, quanto mais completa e elevada for a reflexão sistemática sobre o Homem, tanto mais a pessoa se transformará no ideal de referência para a teoria e para a prática da ética. O conceito de pessoa enumera-se entre os conceitos teológicos fundamentais. (Cf.680)

4.2. A BIOÉTICA E OS DIREITOS DA CRIANÇA

O Simpósio Internacional sobre a Bioética e os Direitos da Criança, preparado pela Associação Mundial dos Amigos das Crianças-AMADE e a UNESCO, foi efetuado no Mónaco, de 28 a 30 de abril de 2000. Ostenta-se, neste documento, uma sequência de considerações referentes ao progresso em biologia e medicina, com vistas a reforçar e implementar a proteção dos direitos das crianças.

Reconhece que a questão da infância é uma realidade complicada em evolução e que merece agora consideração especial. As crianças são seres frágeis, mas sua autonomia não deve ser mal compreendida. Portanto, seus direitos – em especial os direitos à sobrevivência, ao desenvolvimento e à participação – e a proteção de que necessitam encontram-se refletidos efetivamente em numerosos textos nacionais e internacionais que visam à proteção dos direitos humanos, aos quais são acrescentados dispositivos específicos relativos às crianças, especialmente na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança. Essas observações alcançam sua dimensão plena à luz do recente progresso em biologia e medicina e da evolução cultural relativos às primeiras etapas da vida.

4.2.1. AS ORIGENS DA CRIANÇA

Toda criança é um ser novo e singular. A dignidade do embrião produzido in vitro, nos casos de infertilidade do casal ou para prevenir a transmissão de condições particularmente graves, bem como, mais tarde, a do feto humano, devem ser respeitadas.

O uso de dados médicos genéticos e fetais deve respeitar o princípio de não-discriminação e não deve visar à redução ou eliminação da diversidade humana, nem à do elemento acaso, intrínseco à vida. A incapacidade de uma criança, independente da sua gravidade, nunca deve ser considerada como uma desvantagem.

4.2.2. OS LAÇOS DA CRIANÇA

As medidas tomadas para assegurar a proteção dos direitos das crianças devem ser adequadas a seu grau de autonomia.

Os interesses da criança, dos pais ou dos responsáveis legais devem orientar o volume de informação a ser compartilhada com a criança, no que se refere às circunstâncias do seu nascimento, quando essas circunstâncias envolvem reprodução assistida por médico.

A melhor situação para uma criança é ser cuidada e educada no seio de uma família, cujos integrantes são responsáveis pela criança. Consequentemente, essa situação deve ser procurada em todos os casos.

A criança deve participar na tomada de decisões relativas tanto a sua saúde quanto a sua educação, de maneira crescente e mais qualificada, à medida que sua autonomia se afirmar. Cabe aos pais aceitar essa necessidade.

Quando houver diferença de interesses, o interesse da criança deve, em princípio, prevalecer sobre o do adulto.

4.2.3. O CORPO DA CRIANÇA

A atenção à saúde da criança deve incluir devida consideração pelo esclarecimento, pelo consentimento e, conforme o caso, pela recusa do consentimento por parte da criança, conforme seu grau crescente de autonomia. Esse princípio deve ser reforçado, em especial, em relação a exames e/ou tomada de espécimes realizados na criança, os quais só devem visar a interesse imperativo de saúde da criança que não possa ser atendido de outra maneira.

A proteção dos direitos deve ser reforçada no caso de crianças portadoras de incapacidade. O progresso científico e suas aplicações, em especial quanto a prevenção e tratamentos, deve beneficiar as crianças portadoras de incapacidade e nunca levar a sua exclusão ou marginalização.

A sociedade deve promover, em especial, pesquisas relativas a doenças raras e ao desenvolvimento de terapias eficazes. O Simpósio acredita que essas considerações aumentarão o respeito à dignidade e a proteção dos direitos da criança.

4.3. A POBREZA

A pobreza é a ausência de bens, com diversos significados para quem lhe está sujeito e com diversas acepções quanto aos bens de cuja carência se trata. Geralmente a pobreza assume três formas: a carência, em sentido próprio, a pobreza espiritual e a pobreza testemunho.

No primeiro caso, é a pobreza detestada sofrida e desumanizante; no segundo, a pobreza sublimada e no terceiro, a pobreza voluntária e livremente escolhida com diversos sentidos e objetivos. No caso presente tratamos da pobreza enquanto carência de bens materiais. Numa delimitação rápida, válida para o mundo dito desenvolvido, torna-se geralmente como critério a pobreza, aquela situação em que os indivíduos auferem metade do rendimento médio por habitante do seu país.

Durante o século XIX e XX, conheceu-se grande popularidade, em vastos setores, a ideia de igualdade de todos os seres humanos. Em seu nome implementou-se o regime comunista em muitos países. O ideal desta organização social era este refrão de Karl Marx:

“De cada um, segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades”. É um ideal igualitário que visa extirpar as desigualdades e, conseqüentemente a pobreza.

Numa entrevista a Alfredo Bruto da Costa, relativamente à temática da pobreza e a exclusão, o próprio afirma: *"Eu penso que o problema essencial que está por detrás da persistência da pobreza em Portugal, apesar do muito que se faz (e refiro-me ao muito que se faz desde o século XII, quando os próprios monarcas se preocupavam com a pobreza e tomavam partido a favor dos pobres), é que nós hoje sabemos, a partir dos estudos e da análise científicos sobre as causas da pobreza, que esta tem, digamos assim, duas componentes importantes. A primeira, são as situações de carência em que os pobres vivem e que é aquilo que mais salta à vista quando a gente pensa na pobreza. E nós temos a inclinação para tentar acudir a essas situações de carência – e em Portugal temos imensíssimos exemplos de movimentos, instituições, grupos... que tentam matar a fome às pessoas, dar um tecto aos sem-abrigo ou dar de vestir a quem não tem roupa. Mas não vamos às causas da pobreza! Tudo quanto se faz contra a pobreza, a meu ver, mantém o grosso da Sociedade na mesma. E é nesse grosso da sociedade que estão as causas da pobreza. Portanto, enquanto um programa de luta contra a pobreza (seja público, seja privado, seja misto, seja o que for...) mantiver a Sociedade exactamente como está – como se a pobreza fosse um fenómeno periférico, resolúvel por acções periféricas –, nós nunca chegamos a resolver o problema da pobreza."*

O mesmo autor considera ainda nesta entrevista, esta questão passa também basicamente por uma enigma de cidadania, mas é um problema do modo como a Sociedade está organizada e funciona, que possibilita ou não que ocasionados grupos possam desempenhar a sua cidadania.

Afirma ainda que, dentro dos critérios gerais parece exigível por justiça, que todos os indivíduos de uma sociedade, qualquer que seja a sua condição social, sejam tratados com equidade e com igual respeito.

4.4. A SOLIDARIEDADE

A palavra solidariedade aparece muito relacionada com a família e implicitamente as crianças a ela agregadas. Qualquer se deixa comover onde está uma criança, mais ainda se esta se encontrar em condições precárias. Nas escolas ensina-se o significado dessa palavra,

nas famílias também, mas por vezes, esta é vivida em determinadas épocas como o Natal e depois é esquecida, quando as necessidades de quem precisa são evidentes todo o ano.

“O conceito e vivência da solidariedade é multiforme, como testemunho a sua presença na área Jurídica, Antropológica, Biológica e Teológica. De fato, o termo designa descritivamente uma característica do Homem e, em termos de valor, na atitude ou comportamento moral.”

Na linguagem teológica, em acepção soteriológica e cristológica, o termo solidariedade indica a experiência primária de que o homem do amor de Deus, que se torna solidária com ele através de toda a história, mormente com a sua encarnação, expressão máxima de solidariedade. Esta atitude de Deus exige um comportamento análogo da parte dos homens, para com os seus semelhantes nos quais está a imagem d' Ele (Ex.2,23; 22,20; Lv.19,33-35;Dt.26,5;10,18;24,17;Mt.25,31; Jo.1,14; Ef.5,1)”.

4.4.1. NA PESPETIVA DA BIOÉTICA

Na área da bioética, grande parte do impulso para uma melhoria da vida, da saúde e da medicina pode vir, da solidariedade. De facto, além de evidentemente, caraterizar a relação médico-paciente, ele pode produzir efeitos a vários níveis. Em primeiro lugar, a nível social, quer contribuindo para uma ação de apoio às doenças, como no aspeto social.

4.4.2. NA PERSPETIVA CRISTÃ

Assim, nesta linha de pensamento *“A gnose cristã fundamenta o amor para como próximo, ao contrário do esquema do pensamento original gnóstico, precisamente na apátheia equiparada ao amor de Deus; pois esta torna plausível a exigência de se amar a todos os Homens, com a mesma atitude fundamental”*.

5. DIREITOS HUMANOS NA HISTÓRIA DA LIBERDADE

“Os direitos humanos tornaram-se, pelas convenções internacionais das Nações Unidas parte integrante do Direito dos povos”. Nas relações inter e intra-estatais representam mundialmente um ponto central de cristialização dos esforços em prol da justiça e humanização do mundo em que vivemos, constituem também hoje fonte de compromisso eclesial para com a justiça e a paz.

Os direitos humanos constituem, enquanto direito à liberdade, expressão de experiências elementares de não liberdade. “*Articula-se neles a carência de liberdade, ao se experimentar a esta ameaça nas relações fundamentais de conservação do desenvolvimento da vida.*” (Cf.pag.185)

5.1. FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DO DIREITOS HUMANOS

As condições em que faltam tolerância, solidariedade, podem representar igualmente uma situação de carência tanto quanto, aquelas em que estão ameaçados os direitos ao habeas-corpus. Os direitos humanos indicam aquela falta de liberdade que se origina não do arbítrio de indivíduos, mas das próprias instituições sociais e estatais, cujo o fundamento com frequência é a injustiça legalizada (injustiça estrutural – cf. Schwartz Pãndes,1981). Não constituem apenas direitos morais, mas exigências de estrito direito.

A sua força propriamente dita e impacto está precisamente em que eles buscam assegurar a existência dos homens em dignidade e liberdade em todas as suas dimensões por caução jurídica. O etos dos direitos Humanos não por isso de imediato, nenhum eto de amor ou próximo e de ajuda humanitária, um etos de justiça.

A Teologia, já a partir da sua própria tradição pode fazer valer neste ponto que a exigência de Deus sobre o homem não se identifica com leis extremas nem com fins, por necessários e bons que sejam, de uma existência segundo a dignidade humana, mas que a vontade de bem expressa-se originária e primariamente numa *lex indita non scripta*.

5.2. EXCLUSÃO SOCIAL E A POBREZA

Atualmente com mais de oitenta milhões de pessoas na UNÃO EUROPEIA em risco de pobreza, entre as quais se incluem vinte milhões de crianças e oito por cento da população ativa, a Plataforma Europeia contra a Pobreza e a Exclusão Social define medidas para atingir a meta da UNIÃO EUROPEIA de, até 2020, reduzir em, pelo menos, vinte milhões as pessoas em situação de pobreza e exclusão social. Lançada em 2010, a plataforma faz parte da estratégia Europa 2020 para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo.

Embora a luta contra a pobreza e a exclusão social seja principalmente da responsabilidade dos governos nacionais, a UE pode ter um papel de coordenação através: da identificação das boas práticas e da promoção da aprendizagem mútua; do estabelecimento de regras à escala da UE; da disponibilização de fundos.

As principais medidas a que esta organização se propõe passa por: melhorar o acesso ao trabalho, à segurança social, aos serviços essenciais (cuidados de saúde, alojamento) e à educação; Utilizar mais eficazmente os fundos da UE para apoiar a inclusão social e lutar contra a discriminação; Encorajar a inovação social para encontrar soluções inteligentes na Europa da pós-crise, em especial no que toca a um apoio social mais concreto e eficaz; Fomentar novas parcerias entre os sectores públicos e privado.

“O ano 2010 foi definido como «Ano Europeu do combate à Pobreza e Exclusão Social». É uma decisão louvável, pois é importante que se chame a atenção de toda a sociedade civil e dos responsáveis políticos para esta problemática, não só neste ano, mas sempre. Como se sabe, um dos pilares do combate à pobreza é o trabalho remunerado, que permita a segurança das famílias (satisfação das necessidades básicas), que lhes proporcione qualidade de vida e de conforto mínimos. A pobreza é em si um fenómeno de exclusão social. Em Portugal, a pobreza atinge não só os que trabalham auferindo salários de miséria, mas também os desempregados e os reformados com pensões miseráveis. As estatísticas que vão surgindo na comunicação social evidenciam que mais de 21% dos portugueses são pobres e vítimas de exclusão social. Este dado é suficiente para nos sentirmos profundamente incomodados e justifica que este tema mereça estar como ponto principal da agenda política. Não se diminui a pobreza e a exclusão social com medidas dispersas de apoio. Tem de haver políticas integradas e consistentes nas diversas áreas (Saúde, Segurança Social, Emprego, Cultura, Educação, etc.). Também não se pode ignorar que os fenómenos de pobreza e exclusão social atingem de forma particular as mulheres e as crianças. Aquelas tornam-se particularmente vulneráveis, principalmente em determinados momentos da sua vida, nomeadamente gravidez, período em que os filhos são pequenos ou velhice. Também a sua maior participação no trabalho não remunerado, mal remunerado, irregular ou na economia informal, contribui para a vulnerabilidade social. Relativamente às crianças, estas são vulneráveis do ponto de vista interno e externo. No plano interno, colocam-se as vulnerabilidades inerentes ao seu desenvolvimento, à sua imaturidade. No plano externo, os responsáveis pelos seus cuidados (pais e outros cuidadores) e o meio envolvente (factores de ordem social, económica, política, entre outros), podem contribuir para enviesar o seu desenvolvimento harmónico. Neste contexto podem surgir os problemas de comportamento, de inadaptação ao meio, bem como a negligência, a violência do adulto, os maus-tratos (a OMS estima que cerca de 40 milhões de crianças são vítimas de alguma forma de maus-tratos). Em Portugal, em 2007, cerca de 64.300 crianças estavam a ser acompanhadas pelas

Comissões de Protecção de Crianças e Jovens. Robert Castel escreve que a “*exclusão social é a fase extrema de um processo de marginalização ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas do indivíduo com a sociedade*”. Também o Padre Joseph Wresinski recorda que “*a pior das desgraças do homem não é ter fome, não saber ler ou estar desempregado. A pior das desgraças é a de sabermos que não contam connosco para nada a tal ponto que até os nossos sofrimentos são ignorados. Em Portugal, onde se registam mais de 2 milhões de pobres e 500 mil desempregados, é urgente debater a pobreza e exclusão social e encontrar caminhos para a sua solução. Ninguém, nem sequer o excluído, pode estar dispensado destas tarefas.*”

5.3. A SOLIDARIEDADE - Dimensão e significado

A palavra “solidariedade” é derivada do termo “*obligatio in solidum*”, que no direito romano atestava, primitivamente, a imposição comunitária, ou seja, as responsabilidades que o indivíduo tinha em relação a uma coletividade à qual pertencia e de cuja manutenção se beneficiava, como a família. Assim, a solidariedade social subentende, a princípio, a ideia de que seus praticantes sintam-se integrantes de uma mesma comunidade e, portanto, sintam-se interdependentes.

Diversos pontos de vista semelhantes são compartilhados pelas pessoas, por exemplo, valores e crenças religiosas, o que alguns autores denominam por solidariedade mecânica. A outra é representada pela divisão do trabalho em profissões especializadas, que foi denominada de solidariedade orgânica. Característica da fase primitiva da organização social que se origina das semelhanças psíquicas e sociais (e, até mesmo, físicas) entre os membros individuais. Para a manutenção dessa igualdade, necessária à sobrevivência do grupo, deve a coerção social, baseada na consciência coletiva, ser severa e repressiva. O progresso da divisão do trabalho faz com que a sociedade de solidariedade mecânica se transforme.

A Solidariedade orgânica, revela-se na medida que as sociedades se tornam mais complexas, a divisão do trabalho e as conseqüentes diferenças entre os indivíduos conduzem a uma crescente independência nas consciências. As sanções repressivas, que existem nas sociedades “*primitivas*”, dão origem a um sistema legislativo que acentua os valores da igualdade, liberdade, fraternidade e justiça.

A divisão do trabalho, característica das sociedades mais desenvolvidas, gera um novo tipo de solidariedade, não mais baseado na semelhança entre os componentes (solidariedade

mecânica), mas na complementação de partes diversificadas. O encontro de interesses complementares cria um laço social novo, ou seja, um outro tipo de princípio de solidariedade, com moral própria, e que dá origem a uma nova organização social - solidariedade orgânica. Sendo seu fundamento a diversidade, a solidariedade orgânica implica uma maior autonomia, com uma consciência individual muito mais livre.

O termo “*solidariedade*” vindo originariamente do tempo jurídico (in solidum obligati- “*responder pelo todo*”), hoje em geral significa a central dimensão dos esforços em prol da vida em comum e justa na sociedade. Não obstante o seu uso quase sempre programático, o conceito de solidariedade pode significar diversas coisas – num primeiro sentido indica uma sociabilidade como dado básico antropológico, ou seja, estar vinculado a outros, se é que a consequência do agir, a isso ligada, consiste em colocar a necessidade mútua como o princípio de organização social, por parte dos politicamente responsáveis, e também em reconhecer em perceber um princípio de uma obrigação para o bem comum por parte de todo o membro individual da sociedade, segue que a solidariedade visa, em segundo sentido, diretamente o agir em comum: o seu envasamento é a consciência de interesses iguais de sujeitos que como indivíduos detêm muito pouco poder de mudar a própria situação social. Na igualdade de interesses, os sujeitos até estão percebidos sobretudo pelo prisma da diversidade, descobrem-se como membro de uma unidade específica, (classe, grupo profissional, povo, raça, humanidade, ser vivente, criatura).

Neste contexto, “*solidariedade*”, significa a decisão de dar proteção mútua pelo comprometimento de todos e exercício em comum do poderem favor dos interessados no mesmo grupo social, iniciando assim, o mesmo que associação para a ajuda mútua.

Num terceiro sentido de identificação o comprometimento em favor dos membros mais fracos de uma sociedade por, uma consequência ser dolorosa, enquanto pode estar vinculada com custo a, sacrifícios pessoais e sujeições às finalidades de todo o social. “*Correlativamente, a configuração e execução sociopolítica da solidariedade sempre se liga com mudanças de distribuição. As três concepções, estão de acordo com a finalidade, agir para o bem dos outros.*”

CONCLUSÃO

Tal como nos é afirmado no compêndio da Doutrina Social da Igreja: “*O que, em primeiro lugar, caracteriza um povo é a partilha da vida e de valores, que é fonte de*

comunhão no âmbito espiritual e moral: «a convivência humana...é, e tem de ser considerada, sobretudo como uma realidade espiritual; como uma comunicação de conhecimentos à luz da verdade; como exercício de direitos e cumprimento de obrigações; como impulso e incentivo para o bem moral; como nobre disfrutar em comum da beleza em todas as suas legítimas expressões; como permanente disposição de comunicar, uns aos outros o melhor de si próprios; como anseio duma mútua e cada vez mais rica assimilação de valores espirituais em que encontrem a sua permanente vivificação e a sua orientação de fundo as manifestações culturais, o mundo da economia, as instituições sociais, os movimentos e as teorias políticas, as ordenações jurídicas e todos os outros elementos exteriores, nos quais se articula e exprime a convivência humana no seu insensato desenvolvimento”.

Jorge Bergoglio, hoje Francisco, bispo de Roma, salientou que as questões fundamentais deste problema mundial, surgem porque: *“Primeiro na Europa e agora na América, alguns políticos têm-se dedicado a endividar as pessoas criando um ambiente de dependência. Para quê? Para aumentar o seu poder. São grandes especialistas em criar pobreza e ninguém os questiona. Eu luto para combater essa pobreza.”*

Assim como diz Bergoglio, a pobreza tornou-se numa condição natural o que é muito mau. A sua tarefa é banir o agravamento desta. Reforça ainda que as ideologias que criam pobreza devem ser denunciadas. Sendo pois a educação, a grande solução para o problema. A nossa tarefa é ensinar/mostrar às pessoas como salvar a sua alma, mas aludindo como devem evitar a pobreza e não permitir que o governo conduza o povo a esse penoso estado. Sem dúvida que são as crianças as que mais sofrem os flagelos da sociedade. O próprio Jesus afirmou, que só poderia entrar no Reino dos Céus, todo aquele que se parece-se com uma criança. São elas o melhor do Mundo, a alegria das famílias, das escolas, das sociedades e do Mundo.

A situação de grande parte das crianças do Mundo, está longe de ser a idealizada como perfeita, apontando os fatores que levam ao seu crescimento integral, bem como a todas as condições e direitos que lhe são devidos em valores e ações que envolvem toda a humanidade. Por tal ninguém pode ficar indiferente, é indispensável denunciar e combater todas as injustiças que atingem as crianças quer no âmbito nacional, como internacional. Educadores, pais, professores, cidadãos não podem alienar-se do seu dever de proteção aquelas que serão o futuro da nossa humanidade.

CAPITULO III

PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4 DO 6º ANO “PÃO DE CADA DIA”

INTRODUÇÃO

Ao lecionar esta unidade na turma do 6º ano de Prática de Ensino Supervisionada e considerando que as experiências de aprendizagem são fundamentais para que o aluno possa adquirir competências, tendo em atenção os conteúdos a lecionar. Considero que estas são também um elemento integrador na prática educativa, apoiando o seu processo educativo, com recursos e metodologias adequadas às necessidades dos alunos.

O professor da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, deve para além de assegurar que os alunos, tendo a noção do bem comum, procuram através adquirir valores de fé, solidariedade e de humanidade. A disciplina por sua vez, abrange uma dimensão cultural, bem como um salutar valor educativo, orientando para a formação de *“personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”*.⁶

Não impondo a dimensão religiosa, *“porque ela existe dentro de nós, qualquer que seja o seu modo de expressão, como um grito que não se pode calar nem ludibriar”*.⁷ Assim sendo esta uma escola Católica é pois fiel aos princípios cristãos, ajudando os alunos na procura da sua identidade, sendo um contributo para a sua dignificação como pessoas em busca do bem do outro, para o seu próprio bem, pois a busca da felicidade só acontece quando deixamos que o nosso coração fale mais alto. Por isto os alunos foram pouco tocados pelas questões mais religiosas no sentido teórico, valorizando a prática do que pretende ser a mensagem do professor desta disciplina, que tem uma missão e sobretudo ser exemplo da mensagem que oferece.

O principal objetivo da Educação é levar e *“favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volutivo,*

⁶ Cf. PASTORAL CATEQUÉTICA. Revista de Catequese e Educação. <Educação Moral e Religiosa Católica, um Contributo para a formação a personalidade. Ano II. Maio- Agosto 2006, Pág.11.

⁷ Cf. Idem, pag.87.

*afetivo e emocional, moral e espiritual. Desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social”.*⁸

Os temas por mim propostos dignificam e levam à prática do que acabei de fundamentar, reforçando ainda a pertinência dos valores cristãos que lhe estão implícitos. Assim, a minha função e preocupação com esta turma foi no sentido de não esquecer a função da Educação Moral e Religiosa Católica: ajudar a **ser** e ajudar a **ser com**.

1. FUNDAMENTAÇÃO PARA A ALTERAÇÃO DA PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE.

Embora não tenha lecionado um grande número de aulas, naquelas que leccionei apercebi-me que algumas temáticas desta unidade, não estavam adequadas ao interesse dos discentes. Deste modo, proponho que dentro do mesmo programa se altere a abordagem dos temas, retirando os dois primeiros, A alimentação e a expressão artística e alimentação na cultura Bíblica e relevando os últimos proponho:

- ❖ A importância da alimentação, como necessidade vital.
- ❖ As causas da fome.
- ❖ A luta contra a fome
- ❖ As obras de promoção humana.

Poderá a minha proposta parecer audaz, mas enquadrando esta turma numa realidade diferente das Escolas Públicas e verificando que, a maior parte dos alunos não tem prática religiosa, não posso descurar o facto de o próprio Colégio transmitir estes valores cristãos numa forma discreta e prática; como exemplo disso, refiro “OS BONS DIAS”, que leva todos os alunos do colégio e também os Pais e familiares, a entrar na Capela, para que de uma forma orientada e séria, com os respetivos Diretores de Turma, possam apresentar alguma atividade previamente preparada: uma canção, um poema, uma dramatização, um pequeno filme, um PowerPoint, etc. Aqui surgem então, fortemente os valores de pertença a uma dignificante atitude religiosa e que incute e provoca nas crianças a sua inquietação, pela busca de um caminho em direção ao outro e à sua felicidade e a um sentido profundo pela vida.

⁸ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA ,Educação, direito e dever – Missão nobre ao serviço de todos. Secretariado Geral da Conferência Episcopal.Lisboa.2002, pag.6.

2. DESCRIÇÃO PSICOLÓGICA DA CRIANÇA

As crianças nesta idade, segundo Piaget alcançam o estágio do desenvolvimento concreto “*do ponto de vista pessoal, este factor proporciona um período de estabilidade emocional considerável*”⁹. A criança também desenvolve um sentido geral de mestria pessoal, para além das competências adquiridas na escola nesta fase da sua vida, em que facilmente pelo número diversificado de atividades que consegue por em prática, a sua energia é consequente para a motivação revelada para a competência.

Deve ser dado sempre um reforço positivo à criança, qualquer estímulo aumenta a probabilidade da ocorrência de uma resposta por parte desta. É precisamente essa resposta, que o professor pretende “provocar” no aluno. É também notória a sensibilidade e a consciência moral que as crianças apresentam nesta idade, o que é um factor importante para explicar o sentido do bem comum e do amor ao próximo. Assim sendo o que lhe é apresentado, pode ser diferente da sua vivência pessoal, mas ela consegue distinguir o que é bom, do que é mau e por isso deixa transparecer a sua sensibilidade para as problemáticas sociais.

3. EXPERIÊNCIA DE LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA¹⁰

Nas atividades que propus realizar com a turma, denotei o especial interesse desta pelo tema que abordava as problemáticas sociais, principalmente no que se referia aos problemas relacionados com as crianças. Foram muito participativos, quando da proposta de da formação de uma instituição de solidariedade social, propondo instituições que protegessem diretamente as crianças, penso que pelo facto de eles estarem muito longe dessas vivências, mas não estando alheios a estas. Possivelmente, as Campanhas promovidas pelo Colégio também os sensibilizam para esta questão.¹¹

Na minha experiencia pessoal ao longo dos anos que leciono esta unidade, num núcleo comunitário educativo público, onde os aspetos sociais influenciam vivamente os percursos escolares dos alunos, sendo estes por necessidades económicas ou de falta de acompanhamento familiar, bem como, sendo uma realidade próxima dos alunos, ou até

⁹ Cf. SPRINTHALL, Norman A. e Richard C.- Psicologia Educacional – Uma abordagem Desenvolvimentista. Editora McGram-Hill, de Portugal, Lda, pag.150.

¹⁰ RELATÓRIO da Prática do Ensino Supervisionado, materiais em anexo.

¹¹ Cf. RELATÓRIO da Prática do Ensino Supervisionado

mesmo pessoal; é de todo pertinente que esta temática seja abordada de forma a levar à inclusão e aceitação do colega como diferente na perspectiva social, mas não humana.

Na maioria das vezes o aluno partilha a sua experiência pessoal voluntariamente, não tendo vergonha de assumir a sua vulnerabilidade social, económica ou afetiva. Têm mesmo necessidade de falar dela, de sentir que alguém os ouve e os pode ajudar, quase sempre deixam que essa ajuda possa acontecer.

4. PROGRAMA E PLANIFICAÇÃO APLICADOS NO PES:¹²

Tal como referi no meu relatório e com base nas unidades existentes no programa de Educação Moral e Religiosa Católica, ao lecionar a unidade letiva 4, “*O Pão de cada dia*” do 6º ano, na segunda parte da Prática de Ensino Supervisionada; pude comprovar que as temáticas por mim abordadas e propostas pela minha professora orientadora cooperante, foram de um modo geral gratificantes. Para a escolha destas unidades foi tida em conta o Projeto Educativo da Escola, o nível sociocultural dos alunos e a faixa etária em que estes estavam inseridos, de modo a que as unidades escolhidas viessem ao encontro das necessidades e interesses dos alunos.¹³

Na sociedade em que vivemos, assiste-se cada vez mais a uma despreocupação relativamente às questões sociais. O que leva muitas vezes as crianças a ficarem também alheias a essas causas. Os seus valores são a base de qualquer alicerce escolar ou familiar, nada se constrói sem eles.

Esta realidade levou-me a propor aos alunos uma reflexão acerca dos Valores e Ética Cristã, pois é cada vez mais urgente falar ao coração das crianças e alertá-las para os problemas de outras crianças, pois de um meio social diferente onde não se verificam efetivamente carências económicas, sei pois que nem sempre o nível cultural oferece tudo, mas o essencial nos direitos humanos é certamente garantido. Somos frequentemente confrontados com diversas ausências de valores básicos como o amor, a atenção, a justiça, a liberdade, a solidariedade. Assim, esta falta de valores e estes problemas sociais: como as injustiças sociais, a pobreza e a fome, que também são geradoras de violência, de outras injustiças, estas problemáticas sociais são assim um factor de interesse para os alunos, que

¹² Cf. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. (ANEXOS A)

¹³ Cf. Relatório da prática de Ensino Supervisionada

embora em crescimento e a iniciar a sua maturidade revelam interesse e preocupação para estas questões, que são particularmente um problema mundial grave.

Desta reflexão partiu o tema para o meu relatório: **“A dignidade das Crianças, segundo a Doutrina Social da Igreja”**. Esta proposta é o resultado da minha preocupação pessoal, profissional, face à lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, no âmbito da unidade letiva 4 do 6º ano, *“O pão de cada Dia”*.

5. A MINHA PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DA UNIDADE LETIVA

Concluída a abordagem das temáticas e tendo em conta o interesse e a participação dos alunos, assim como a abertura a esta questão, proponho-me aprofundar esta temática numa tentativa de uma maior valorização e aprofundamento deste tema, reflexão e proposta de alguma mudança do programa proposto no que concerne a esta unidade letiva.

Ao lecionar esta unidade, fiquei mais uma vez consciente de que é necessário agir em função de uma mudança, começando pela informação, consciencialização e divulgação desta realidade que são os problemas sociais da humanidade. Penso que os alunos no sexto ano de escolaridade, já possuem maturidade e interesse para estas problemáticas. A fome é um dos maiores flagelos da humanidade, resultando de todos os problemas sociais, sendo as crianças as mais afetadas. Muitas pessoas em todo o mundo passam fome, ou estão subnutridas, apresentando carências alimentares graves. O manual não aprofunda este problema, no que respeita às crianças, mas penso ser de fundamental pertinência, tendo em conta o interesse e as observações que os discentes fizeram relativamente a esta problemática no decurso das aulas.

Então ao explanar as novas Metas Curriculares, propostas para a disciplina no site da Educris, embora ainda não aprovadas, achei por bem, que as mesmas fossem meu suporte inicial para a alteração da unidade em questão.

Como aspetos positivos posso apontar:

- A Estruturação Programática
- Domínios de aprendizagem segundo as Finalidades definidas
- As metas propostas para o 2º ciclo.

É proposta esta articulação:

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>Q. Amadurecer a sua responsabilidade, perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>1. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injustiça na distribuição dos bens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A alimentação, a produção e o comércio dos alimentos; • A fome e a subnutrição; • A pobreza e a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.
	<p>2. Identificar Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome (Cáritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome,...)
	<p>3. Reconhecer o valor da Solidariedade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Solidariedade e voluntariado • Fraternidade, amor partilhado.
<p>F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas.</p>	<p>4. Interpretar textos bíblicos sobre os diferentes carisma e o seu uso para bem da comunidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos: At 2, 42-47
	<p>5. Reconhecer, na Última Ceia, o seu significado essencial para a mensagem cristã.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. • O lava-pés: Jo 13, 3-7.13-17. • A última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor: Mc 14, 1-25.
<p>P. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>6. Valorizar a atitude de voluntariado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser pão para os outros: doação de si mesmo, o amor partilhado com os mais necessitados.

Partindo desta proposta, irei seleccionar para a Unidade Letiva as Metas que considero respeitantes, depois de as seleccionar, alterei os objetivos pela sua ordem de importância e acrescentei alguns que considero um reforço da Meta proposta e do último objetivo definido:

UNIDADE LETIVA: (O PÃO DE CADA DIA) A PARTILHA DO PÃO

METAS	OBJETIVOS
Q. Amadurecer a sua responsabilidade, perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Saber reconhecer situações no meio social onde seja injusta a distribuição de bens. 2. Reconhecer o valor da solidariedade. 3. Identificar Instituições nacionais e internacionais que sejam vocacionadas para o combate à fome.
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas.	<ol style="list-style-type: none"> 4. Interpretar alguns textos bíblicos sobre os diferentes carismas e o seu uso para bem da comunidade. 5. Reconhecer, na Última Ceia, o significado essencial para a mensagem cristã. 6. Reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa.
P. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	<ol style="list-style-type: none"> 7. Valorizar a atitude de voluntariado e Inculcar nos alunos vontade de intervir para ajudar.

A INCLUSÃO DOS CONTEÚDOS:

UNIDADE LETIVA: (O PÃO DE CADA DIA) A PARTILHA DO PÃO

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Saber reconhecer situações no meio social onde seja injusta a distribuição de bens. 	<ul style="list-style-type: none"> - A Produção e comércio de alimentos e a alimentação; - A fome e a subnutrição; - A pobreza e a distribuição injusta de bens de primeira necessidade.

	2. Reconhecer o valor da solidariedade.	- Solidariedade e voluntariado. - Fraternidade, amor partilhado.
	3. Identificar Instituições nacionais e internacionais que sejam vocacionadas para o combate à fome.	- Instituições com um trabalho notório na derrota da fome.
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas.	4. Interpretar alguns textos bíblicos sobre os diferentes carismas e o seu uso para bem da comunidade.	- A vida em comum e a partilha de bens de primeira necessidade dos primeiros cristãos: At. 2, 42-47.
	5. Reconhecer, na Última Ceia, o significado essencial para a mensagem cristã. 6. Reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa.	- Significado simbólico-religioso do alimento e da refeição; - O Lava – Pés: Jo. 13,3-7.13-17. - A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por Amor: Mc 14,1-25.
P. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	7. Valorizar a atitude de voluntariado e Inculcar nos alunos vontade de intervir para ajudar.	- Ser pão para os outros: doação de si mesmo. - O amor partilhado com os mais necessitados.

Na perspectiva de D. Bosco, a vida de um salesiano começa por, viver em comunidade e empenhar-se pelos jovens; ser membro da Igreja e trabalhar de ajustamento com os seus ensinamentos; fazer da oração e da obediência ao Espírito de Deus a razão do seu agir; esforçar-se por tornar o sonho de S. João Bosco uma realidade e por espalhar o seu estilo e o seu carisma; viver a consagração a Deus pelos votos de pobreza, castidade e obediência; ser "sinal e portador do amor de Deus" aos jovens; arrogar-se da opção preferencial de trabalhar no meio dos jovens pobres e abandonados; pertencer a um instituto religioso clerical, de direito pontifício, dedicado às obras de apostolado, reconhecido pela Igreja Católica.

Para o **primeiro objetivo**, considero importante os alunos perceberem, que nem sempre é justa, a distribuição de bens, logo dado o seu conceito de justiça eles saberão apontar alguns exemplos consideráveis. Como já havia referido na sociedade em que vivemos, assiste-se cada vez mais a uma despreocupação relativamente às questões sociais. O que leva muitas vezes as crianças a ficarem também alheias a essas causas. Os seus valores são a base de qualquer alicerce escolar ou familiar, nada se constrói sem eles. Neste sentido é necessário mostra-lhes o outro lado que elas não conhecem. Dado que o seu nível social, está protegido destas realidades.

Já o Papa Francisco, afirmou que a pobreza se tornara numa condição natural, o que é muito mau, reforçando que as ideologias que criam pobreza devem ser delatadas. Para o Papa, a educação, é a grande solução para o problema. A nossa tarefa como educadores, é ensinar/mostrar às pessoas como salvar a sua alma, mas aludindo como devem evitar a pobreza. São as crianças as que mais sofrem os flagelos da sociedade. O próprio Jesus afirmou, que só poderia entrar no Reino dos Céus, todo aquele que se parece-se com uma criança. São elas o melhor do Mundo, a alegria das famílias, das escolas, das sociedades.

Como tal e sendo o tema anual das Oficinas de São José, “*Criar laços*”, é já vivenciado e reconhecido por estes alunos, o sofrimento dos outros, como mais necessitados, bem como, a consciencialização para esta realidade, surgindo no colégio através de várias ações de voluntariado, de caridade e de solidariedade, desenvolvida na comunidade educativa. Assim sendo, como uma escola Católica, embora nem todos os alunos se assumem como crentes, estes cooperam nas cerimónias religiosas e acatam os ritos; estão assim sensibilizados para a vivência de muitas ações de solidariedade para com a comunidade circundante que é carenciada.

Também através desta experiência, propus como **segundo objetivo**, o reconhecimento do valor da sociedade, pelos atos sinceros de ajuda ao próximo.

Para **terceiro objetivo**, ponderei a identificação das instituições sociais direcionadas para esta problemática. Os alunos puderam partilhar a sua experiência, como voluntários no *Banco Alimentar Contra a Fome, Caritas, Escuteiros em ações de intervenção comunitária, etc.* O Papa Francisco terá dito ao fieis numa transmissão da Rádio Vaticano, que a fome é algo a que não podemos nos acostumar, bem como, que a cultura do desperdício deveria acabar. O Pontífice dirigiu sua mensagem ao Director-geral do Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que afirma que a fome, é um escândalo e um dos desafios mais sérios para a humanidade. Reforçou ainda, acrescentado que, “ *Um passo importante nessa direção seria abater as barreiras do individualismo e da*

escravidão do lucro a todo custo. Continuando a sua reflexão acrescentou, ainda sobre este tema :”Penso que seja necessário hoje, mais do que nunca, educar-nos à solidariedade, redescobrir o valor e o significado desta palavra tão incômoda e deixada de lado e fazer com que ela norteie as escolhas em nível político, económico e financeiro, nas relações entre as pessoas, entre os povos e entre as nações.”

A Bíblia transmite - nos o nosso dever de amar o próximo e acolher os problemas dos outros sem indiferença. O próprio Jesus Cristo, vivenciou muitas atitudes de generosidade e bondade, para além do seu próprio sacrifício humano, como prova do seu amor à humanidade. Ele nunca foi indiferente aos que sofreram, e nós cristãos temos a obrigação de agir como Ele, de estar atentos, de estar disponíveis. Este mesmo Jesus, disse que o fizéssemos ao mais pequenos dos nossos irmãos, era a Ele que o faríamos. Os **objetivos quatro, cinco e seis**, são ainda justificados pelo que referi anteriormente.

Acrescentei um último objetivo, **o sétimo**, *“Valorizar a atitude de voluntariado e Incutir nos alunos vontade de intervir para ajudar.”* Pois acho que só pela vivência e participação e pelo amor ao próximo, nós e os nossos alunos perceberemos que a mudança de mentalidades e de sofrimento depende também de nós. Como tal, temos como adultos, educadores e cristãos, de ser para eles exemplo vivo da doação de nós mesmos, da partilha e do amor aos mais desprotegidos.

CONCLUSÃO (REFLEXÃO FINAL)

Uma criança é um ser humano no início de seu desenvolvimento. Os aspetos psicológicos do desenvolvimento da personalidade, o comportamento, de transtornos emocionais resultantes de toda a ordem de carências, negligências, violências e abusos, que não os deixa crescer saudavelmente, com a alegria e interesses que lhes são naturais, são uma preocupação constante para pais e educadores. As escolas estão atentas a casos de negligência ou carências. Mais do que isto, sabemos que a infância é um período onde o ser humano se desenvolve psicologicamente, envolvendo graduais mudanças no comportamento da pessoa e na aquisição das bases de sua personalidade. É pois fundamental que à criança sejam asseguradas as condições para o seu crescimento e desenvolvimento saudável.

As crianças são a esperança de um futuro melhor, são a certeza da continuidade da própria humanidade. É neste contexto que a Doutrina Social da Igreja refere: *“A família é*

*importante e central em relação à pessoa. Neste berço da vida e do amor, o homem nasce e cresce: quando nasce uma criança, à sociedade é oferecido o dom de uma nova pessoa, que é “chamada”, desde o seu íntimo, à comunhão com os outros e à doação aos outros.”*¹⁴

Por tal a sociedade tem de se preocupar, de querer saber, de proteger e de estar alerta, não é só no mundo que existem crianças com fome. A realidade das Oficinas de São José não se enquadra na realidade da maioria das escolas públicas, onde grande número de alunos carenciados, fazem apenas uma única refeição na escola que frequentam. Contudo, integrando uma classe social alta, os alunos do colégio percebem que nem todas as crianças têm a sua sorte e estão conscientes que podem ser solidários.

A Doutrina Social da Igreja aponta sistematicamente a exigência de respeitar a dignidade das crianças: *“Na família, comunidade de pessoas, deve reservar-se uma especialíssima atenção à criança, de modo a desenvolver estima profunda pela sua dignidade pessoal como também grande respeito pelos seus direitos, que se devem servir generosamente. Isto vale para todas as crianças, mas reveste-se de urgência singular quando a criança for mais pequena, tiver maior necessidade, for doente, sofredora ou diminuída”*.¹⁵

É minha preocupação como educadora e cidadã alertar, agir, consciencializar e ajudar. Preparar e informar os alunos para a realidade e a necessidade de se ser solidário é uma das minhas prioridades na minha prática letiva. Ajudar a “construir” um mundo novo para as crianças, é edificá-lo nos princípios da democracia, da igualdade, da não-discriminação, da paz e da justiça social.

Assim, propus-me aprofundar as diversas questões relacionadas com esta temática, pesquisando e recolhendo toda a informação essencial, considerando de fundamental importância para o meu progresso pessoal e profissional. A base da minha pesquisa, foi a Doutrina Social da Igreja e centrarei esta questão nas injustiças sociais que afetam tantas crianças pelo mundo inteiro.

Relativamente aos aspetos Pedagógicos, tive sempre a preocupação de usar estratégias adequadas aos alunos, bem como, motivadoras para estes, é de salutar o interesse e empenho nas atividades que lhes propus. No aspeto Relacional, consegui estabelecer uma empatia com os alunos, o que considero muito positivo e uma mais-valia para a exposição das temáticas.

¹⁴ Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, pag.148.

¹⁵ Cf. Compêndio Doutrina social da Igreja. Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, pag.169.

BIBLIOGRAFIA

Magistério:

JOÃO PAULO II, – Carta às Crianças – SP – 03.07.1980

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. Conselho “Pontífice Justiça e Paz”.
Principia.1ª Edição. Novembro de 2005.

Bibliografia Geral:

ARENDS, Richard I. *Aprender a ensinar.7ª edição.*2008

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Gráfica Coimbra, Lda.1993.

CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Secretariado Nacional do Apostolado da
Oração. Braga.1987.

COSTA, Alfredo Bruto da, Coordenador - *Pobreza em Portugal*, Lisboa 1989.

COSTA, Alfredo Bruto da, *Exclusões Sociais*, Coleção Fundação, Fundação Mário Soares,
Publicações Gradiva, 2ª Edição, Lisboa, 2007.

DICIONÁRIO de Conceitos Fundamentais de Teologia, Peter Eicher; tradução João
Resende Costa. São Paulo, Paulus, 1993.

DICIONÁRIO de Bioética. Editorial Perpetuo Socorro, Coleção Dois Mundos. Salvatine
Leone e Salvatore Privitera. Editora Santuário.

MARTINS, Ernesto Candeias – Criminalidade, Geração e Educação de Menores. Seleção de
textos da obra do Padre António D`Oliveira. Editora Caritas. Lisboa, 2012.

MARTINS, Ernesto Candeias – Proteção Social e (R)Educação de Menores. Seleção de
textos da obra do Padre António D`Oliveira. Editora Caritas. 1ª edição. Lisboa, 2012.

PASTORAL CATEQUÉTICA - Revista de Catequese e Educação. Educação Moral e
Religiosa Católica, Um Contributo para a Formação e a Personalidade. Ano II. Maio -Agosto
2006. Pág.11.

PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA SALESIANA – Província Portuguesa da Sociedade Salesiana –Coordenação de Escolas –Projeto Educativo.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* – Ensino Básico e secundário, Lisboa 2007.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, NÓS E O MUNDO, O Pão de cada dia, unidade letiva 4, Manual do aluno. Educação Moral e Religiosa Católica – Ensino Básico, Lisboa 2011.

SPRINTHALL, Norman A. e Richard C.- Psicologia Educacional – Uma abordagem Desenvolvimentista. Editora McGraw-Hill, de Portugal, Lda, pag.150.

Web-bibliografia:

<http://www.familiacrista.com/noticias/sociedade/1222-nao-ha-direitos-a-mais.php>

<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=93532>

http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/alfredo_bruto_da_costa_e_urgente_que_o_governo_faca_inqueritos_que_retratam_a_pobreza.html

REVISTA 23537b_Transformar_Jan_jun 5 4/13/10 9:41 AM, Pag. 1. Direcção do Fórum.

http://ec.europa.eu/portugal/temas/crescimento_inclusivo/plataforma_europeia_pobreza_exclusao_social/index_pt.htm

http://www.google.pt/#q=a+crian%C3%A7a+e+a+bio%C3%A9tica&ei=3DKlUbKSIeH17Aans4DoDQ&start=20&sa=N&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.47008514,d.d2k&fp=9ce9e4fb24c1adcf&biw=1093&bih=614

http://pt.wikipedia.org/wiki/Solidariedade_social

<https://www.pastoraldacrianca.org.br/pt/noticias2/2724>

<http://www.osj.salesianos.pt/>

Secretariado Nacional de Educação Cristã – Metas curriculares e Pressupostos Teóricos. Educris.(metas-curriculares_pdf_130812040344).

ANEXOS

PLANIFICAÇÃO

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



QUADRO I

DISTRIBUIÇÃO NO 6º ANO DAS COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

Competências	2.º Ciclo Ensino Básico
1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	SIM
2. Questionar-se sobre o sentido da realidade.	NÃO
3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.	NÃO
4. Organizar uma visão coerente do mundo.	NÃO
5. Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos.	SIM
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.	SIM
7. Relacionar os dados das ciências com a interpretação cristã da realidade.	SIM
8. Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja.	SIM
9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.	SIM
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.	SIM
11. Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.	NÃO
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como factor de enriquecimento mútuo.	SIM

13. Reconhecer a relatividade das concepções pessoais, como simples aproximações à verdade.	NÃO
14. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo.	SIM
15. Identificar o núcleo central constitutivo das principais confissões religiosas.	NÃO
16. Distinguir os elementos convergentes dos elementos divergentes das principais confissões religiosas, cristãs e não cristãs.	NÃO
17. Posicionar-se pessoalmente frente ao fenómeno religioso e à identidade das confissões religiosas.	NÃO
18. Agir em conformidade com as posições assumidas em relação ao fenómeno religioso, no respeito pelos valores fundamentais do diálogo e da tolerância.	NÃO
19. Promover, na sua prática de vida, o diálogo ecuménico como suporte essencial para a construção da paz entre os povos e da unidade do Cristianismo, mobilizando conhecimentos sobre a identidade de cada confissão religiosa cristã.	NÃO
20. Promover, na sua prática de vida, o diálogo inter-religioso como suporte essencial para a construção da paz entre os povos, mobilizando conhecimentos sobre a identidade de cada confissão religiosa não cristã.	NÃO
21. Interpretar textos sagrados fundamentais de religiões não cristãs, extraindo significados adequados e relevantes.	NÃO
22. Usar a Bíblia a partir do conhecimento da sua estrutura.	SIM
23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.	SIM
24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.	SIM
25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.	SIM
26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.	SIM

DIVISÃO DA UNIDADE LETIVA DO 6ºANO¹⁶

- UL1:** *A pessoa humana*
- UL2:** *Advento e Natal*
- UL3:** *A família, comunidade de amor*
- UL4:** *O pão de cada dia*
- UL5:** *O respeito pelos animais*

¹⁶ Cf. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica do Ensino Básico e Secundário. Secretariado Nacional da Educação Cristã – Lisboa, 2007.

Operacionalização das Competências	Conteúdos
<p>1. Interpretar produções culturais que reflitam sobre a justiça vs injustiça na distribuição dos bens. (Comp. 5)</p> <p>2. Interpretar criticamente factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos, nos quais esteja patente a injusta distribuição dos bens de primeira necessidade. (Comp. 1 e 6)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A alimentação, a fome, a subnutrição, a pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade...
<p>3. Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. (Comp. 1 e 9)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição do alimento pela população mundial • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome (Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome...)
<p>4. Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. (Comp. 1, 9, 10 e 12)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Solidariedade e voluntariado
<p>5. Consultar a Bíblia, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura do Novo Testamento, bem como outros conhecimentos necessários já explorados em anos anteriores. (Comp. 22)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As divisões do NT <ul style="list-style-type: none"> ➢ Evangelhos ➢ Atos dos Apóstolos ➢ Cartas ou Epístolas ➢ Apocalipse
<p>6. Interpretar textos bíblicos sobre a relação do ser humano com os bens materiais, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 9, 14, 23 e 24)</p> <p>7. Relacionar a identificação de Cristo com os mais necessitados com o fundamento do agir cristão. (Comp. 8, 9 e 14)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A necessária distribuição justa da riqueza: Tg 5,1-6; 1Jo 3,17-18 • O julgamento final: as obras de promoção humana: Mt 25,31-45 • Parábola do rico insensato: Lc 12,13-21
<p>8. Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico-religioso do alimento. (Comp. 5)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O significado simbólico-religioso do alimento
<p>9. Interpretar o significado da Última Ceia, identificando o seu significado essencial para a mensagem cristã. (Comp. 14)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Última Ceia como representação da entrega de Jesus por amor • Ser pão para os outros: a doação de si mesmo.



PLANIFICAÇÃO NIVEL II DAS UNIDADES LETIVAS DO 6ºANO

CALENDÁRIO							CONTEÚDOS		P.A. ATVID Planificação		
1º PERÍODO	Mês	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Aulas	UNIDADES LETIVAS	TEMAS	BOM DIA	
	1º PERÍODO	Mês	12	13	14	15	16	-	-	-	
Set.			19	20	21	22	23	1	UL 1 - A Pessoa Humana	Apresentação - Programa Curricular - Critérios de avaliação – De regresso à Escola	
			26	27	28	29	30	2	UL 1 - A Pessoa Humana	Sou Pessoa – A autenticidade	
Outub.		3	4	5	6	7	3	UL 1 - A Pessoa Humana	As Dimensões da Pessoa		
		10	11	12	13	14	4	UL 1 - A Pessoa Humana	As Dimensões da Pessoa		
		17	18	19	20	21	5	UL 1 - A Pessoa Humana	A dignidade Humana		
		24	25	26	27	28	6	UL 1 - A Pessoa Humana	Garantia/Atentados aos Direitos das Criança		
Nov.		31	1	2	3	4	-	Feriado	Dia de Todos os Santos		
		7	8	9	10	11	7	UL 2 – Advento e Natal	Emanuel: O Messias Esperado de Israel		
		14	15	16	17	18	8	UL 2 - Advento e Natal	Advento, Tempo de Esperança		
		21	22	23	24	25	9	UL 2 - Advento e Natal	Figuras do Advento		
		28	29	30	1	2	10	UL 2 - Advento e Natal	Ficha de Avaliação		
	5	6	7	8	9	11	UL 2 - Advento e Natal	Correção da ficha – Construção do Presépio			
12	13	14	15	16	12	UL 2 - Advento e Natal	Autoavaliação - Significado do Natal				
Aulas Previstas: 12							Interrupção letiva do Natal				
2º PERÍODO	Janeiro	2	3	4	5	6	13	UL 3 - A Família, C. de Amor	Definição de Família – Organização familiar		
		9	10	11	12	13	14	UL 3 - A Família, C. de Amor	A Família: uma Instituição na História		
		16	17	18	19	20	15	UL 3 - A Família, C. de Amor	A Família de Jesus – Caracterização Social		
		23	24	25	26	27	16	UL 3 - A Família, C. de Amor	A Família de Jesus – A vida Familiar		
	Fevereiro	30	31	1	2	3	17	UL 3 - A Família, C. de Amor	Função Socializadora da Família		
		6	7	8	9	10	18	UL 3 - A Família, C. de Amor	Os Valores na Vida Familiar		
		13	14	15	16	17	19	UL 3 - A Família, C. de Amor	Tarefas familiares – O lugar dos mais velhos		
		20	21	22	23	24	-	Feriado - Carnaval	Interrupção letiva do Carnaval		
	Março	27	28	29	1	2	20	UL 3 - A Família, C. de Amor	Tarefas familiares – O lugar dos mais velhos	X	
		5	6	7	8	9	21	UL 3 - A Família, C. de Amor	Quando a Família Falha	X	
		12	13	14	15	16	22	UL 3 - A Família, C. de Amor	Ficha de Avaliação		
		19	20	21	22	23	23	UL 3 - A Família, C. de Amor	Autoavaliação - Simbologia da Páscoa		
Aulas Previstas: 11							Interrupção letiva da Páscoa				
3º PERÍODO	Abril	9	10	11	12	13	24	UL 4- O Pão de Cada Dia	O Pão de cada dia – Lançamento da ativ. final		
		16	17	18	19	20	25	UL 4- O Pão de Cada Dia	A alimentação na perspetiva Cultural	X	
		23	24	25	26	27	26	UL 4- O Pão de Cada Dia	A Alimentação na Cultura Bíblica		
	Maio	30	1	2	3	4	-	Feriado	Dia do Trabalhador		
		7	8	9	10	11	27	UL 4- O Pão de Cada Dia	Ficha de avaliação de Língua Portuguesa		
		14	15	16	17	18	28	UL 4- O Pão de Cada Dia	Direito à alimentação – Causas da Fome	X	
		21	22	23	24	25	29	UL 4- O Pão de Cada Dia	Obras de Promoção Humana	X	
		28	29	30	31	1	30	UL 4- O Pão de Cada Dia	Partilhar a Riqueza		
		4	5	6	7	8	31	UL 4- O Pão de Cada Dia	Apres. Atividade final - Autoavaliação		
		Aulas Previstas: 8							Tempo de férias de verão		
Total de Aulas Previstas: 31											

FERIADOS	
5-Out	Implantação da República
1- Nov	Dia de Todos os Santos
1-Dez	Restauração da Independência

8-Dez	Nossa Senhora da Conceição
25-Dez	Natal
1-Jan	Ano Novo
21-Fev	Carnaval
6-Abril	Sexta-feira Santa
8-Abril	Páscoa
25-Abril	Dia da Liberdade
1-Maio	Dia do Trabalhador
7-Junho	Corpo de Deus

INTERRUPÇÃO DAS ATIVIDADES LETIVAS	
1º Período	De 19 de Dezembro de 2011 a 02 de Janeiro de 2012- 11 dias
2º Período	De 20 a 22 de Fevereiro de 2012 – 3 dias
3º Período	De 26 de Março a 09 de Abril de 2012 – 10 dias

CALENDÁRIO ESCOLAR
1º Período: entre 08 a 15 de Setembro até 16 de Dezembro
2º Período: 03 de Janeiro a 23 de Março
3º Período: 10 de Abril a 08 de Junho/15 de Junho

Obs. Aplicada no PES

**OFICINAS DE SÃO JOSÉ- ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA
ANO LETIVO 2011/2012**

PLANIFICAÇÃO NIVEL III

1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana;
5. Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou a valores éticos;
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos;
8. Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja;
9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã;
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano;
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo;
14. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo;
22. Usar a Bíblia a partir do conhecimento da sua estrutura;
23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes;
24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana;
25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local;
26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

<p>-Interpretar criticamente fatos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos nos quais esteja patente a injusta distribuição dos bens de primeira necessidade. (Comp.1 e 6)</p>	<p>doação de si mesmo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distribuição do alimento pela população mundial • Causas da fome: <ul style="list-style-type: none"> - Causas naturais - Causas humanas 		<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho individual: Caderno do aluno ficha 40, ponto 4. • Correção da ficha. • Leitura e análise do texto da pág.159. • Síntese <p>Acolhimento e registo do sumário</p> <p>PowerPoint sobre as causas da fome e instituições no combate a este flagelo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pequena Introdução - Visionamento - Diálogo <p>Realização de uma Ficha de Trabalho sobre a temática das causas da fome:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resolução da Ficha de Trabalho - Correção - Conclusão - Síntese 	<p>participação escrita e oral</p> <p>O professor verifica o registo do sumário</p> <p>O professor incentiva a participação escrita e oral</p> <p>O professor verifica a participação e empenho</p> <p>O professor observa a participação escrita e oral</p>
<p>3. Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. (Comp.1 e 9)</p> <p>4. Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome (Santa Casa da Misericórdia, Solsal, “Associação Terra Mãe”) • Solidariedade e voluntariado 	<p>1</p> <p>1</p>	<p>Acolhimento e registo do sumário</p> <p>Leitura e análise dos textos das paginas 168 a 169. (Recurso a PowerPoint relativo às paginas referidas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho de grupo: <ul style="list-style-type: none"> .Divisão da turma em 6 grupos .Criação de uma obra/instituição .Atribuição de um nome, objetivos, atividades, campo de ação, logotipo. .Apresentação e explicação à turma. - Síntese <ul style="list-style-type: none"> • Partilha voluntária. • Síntese 	<p>O professor verifica se os alunos registam o sumário</p> <p>O professor observa o interesse dos alunos pela participação oral e escrita.</p> <p>O professor verifica a organização dos materiais, compreensão e a atenção, participação, o empenho</p>

<p>subsistência. (Comp.1,9,10 e12)</p> <p>Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista a resolução de problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. (Comp.1 e 9)</p> <p>-----</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Parábola do Rico Insensato: Lc 12, 13-21 <p>-----</p>	<p>1</p>	<p>Acolhimento e registo do sumário Visionamento da Parábola do Rico Insensato (DVD) - Diálogo acerca da mesma - Ficha de Trabalho sobre o tema -Partilha e correção</p> <p>Realização de um trabalho prático: um marcador de livros sobre a temática – solidariedade. - Início da atividade - Partilha - Síntese</p> <p>Acolhimento e registo do sumário Apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos sobre os símbolos dos alimentos na Bíblia. - Exposição e apresentação - Avaliação - Autoavaliação -Heteroavaliação</p>	<p>e a criatividade nas tarefas a realizar</p> <p>o professor verifica o registo do sumário</p> <p>O professor incentiva à participação opar e escrita</p> <p>O professor observa o empenho e interesse dos alunos na participação escrita</p> <p>O professor verifica o registo do sumário</p> <p>O professor incentiva à participação opar e escrita</p> <p>O professor observa o empenho e interesse dos alunos na participação escrita</p>
--	---	----------	--	--

		<p>de trabalho 36 do Manual do aluno</p> <p>Propor a elaboração do ponto 3 do MA, página 101 e que a seguir na mesma redijam um pequeno comentário sobre a importância da alimentação no meio cultural de cada um.</p> <p>- Partilha e Conclusão</p> <p>Afixar a frase: <i>A alimentação é fundamental. Os nossos hábitos alimentares são o reflexo da nossa cultura.</i></p>	aluno	5	<p>participação escrita</p> <p>O professor observa a participação e empenho dos alunos na atividade escrita</p> <p>O professor incentiva a participação oral</p>
--	--	--	-------	---	--

SÍNTESE: A alimentação é de fundamental importância no nosso dia-a-dia, ela fornece-nos a energia que precisamos para iniciar as nossas atividades, como também pode ser um momento de partilha e convívio. Os nossos hábitos alimentares são a expressão no nosso valioso património cultural.



OFICINAS DE SÃO JOSÉ – ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA
ANO LETIVO 2011/2012
PLANIFICAÇÃO NIVEL IV – Educação Moral Religiosa Católica

6ºANO – Unidade Letiva 4: “O Pão de cada dia”					Lição nº25 Aula nº 2
24.04.12					
Competências:					
<ul style="list-style-type: none"> ✓ 8. Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico-Religioso do alimento ✓ - Identificar o significado da última ceia 					
Sumário: Simbologia Judaico-Cristã do alimento. A última ceia como representação da entrega de Jesus por Amor. Realização de uma Ficha de Trabalho.					
Operacionalização das Competências	Conteúdos	Estratégias de aprendizagem	Recursos Materiais	⌚ 45 m	Avaliação Formativa
<p>8. Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico-religioso do alimento (Comp.5)</p> <p>- Identificar o significado da última ceia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O significado simbólico-religioso do alimento • A última ceia como representação o e entrega de Jesus por amor • Ser pão para os outros: doação de si mesmo 	<p>Acolhimento e registo do sumário Síntese da aula anterior: A alimentação é de fundamental e fornece energia para as atividades. Os nossos hábitos alimentares são um reflexo cultural. Leitura e análise de alguns textos das pág. 152 a 158. (ANEXO 5) Trabalho individual: - Realização do ponto 4 da Ficha nº40 do Caderno do aluno. - Correção da Ficha - Leitura e análise do texto da pág.159.</p> <p>- Conclusão</p>	<p>Caderno do aluno</p> <p>Quadro e caneta</p> <p>Manual do aluno Computador Projetor</p> <p>Manual do aluno Caderno do aluno Quadro caneta Computador</p>	<p>5</p> <p>5</p> <p>10</p> <p>10</p> <p>5</p> <p>5</p>	<p>O professor verifica a presença dos alunos. O professor observa nos alunos: - a organização dos materiais - o interesse - a participação - a atenção e comportamento</p> <p>O professor observa o interesse, compreensão e a participação dos alunos</p>
SÍNTESE: A alimentação é de fundamental importância no nosso dia-a-dia, ela fornece-nos a energia que precisamos para iniciar as nossas atividades, como também pode ser um momento de partilha e convívio. Os nossos hábitos alimentares são a expressão no nosso valioso património cultural.					

Prof. Luis Maia



OFICINAS DE SÃO JOSÉ – ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA
ANO LETIVO 2011/2012
PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV – Educação Moral Religiosa Católica

6ºANO – Unidade Letiva 4: “O Pão de cada dia”					Lição nº26 Aula nº 3
					08.05.12
Competências: -----					
Sumário: Realização de uma Ficha de Avaliação de Língua Portuguesa.					
Operacionalização das Competências	Conteúdos	Estratégias de aprendizagem	Recursos Materiais	⌚ 45 m	Avaliação Formativa
-----	Ficha de avaliação de Língua Portuguesa	Distribuição da Ficha de Avaliação Apelo à calma e concentração Deseja aos alunos boa sorte	Ficha de Avaliação Esferográfica	45	O professor verifica se os alunos entram e se sentam calmamente O professor garante a concentração na realização da Ficha
SÍNTESE: -----					

OBSERVAÇÕES: É norma no colégio a realização da Ficha de Avaliação por disciplina e ciclo de ensino realizar-se na mesma data e hora para todos os discentes do colégio. Assim, a Ficha de Avaliação de Língua Portuguesa decorreu durante a aula de Educação Moral Religiosa Católica.



OFICINAS DE SÃO JOSÉ – ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA
ANO LETIVO 2011/2012
PLANIFICAÇÃO NIVEL IV – Educação Moral Religiosa Católica

6ºANO – Unidade Letiva 4: “O Pão de cada dia”					Lição nº27 Aula nº 4
15.05.2012					
Competências: ✓ 1. Reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana. 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos. ✓ 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.					
Sumário: O direito à alimentação.As causas da fome. Causas naturais e as causas humanas.					
Operacionalização das Competências	Conteúdos	Estratégias de aprendizagem	Recursos Materiais	⌚ 45 m	Avaliação Formativa
2. Interpretar criticamente factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos, nos quais esteja patente a injusta distribuição de bens de primeira necessidade. (Comp.1 e 6) 3. Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. (Comp. 1 e 9)	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição do alimento pela população mundial • As causas da fome: <ul style="list-style-type: none"> - Naturais - Humanas • As instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome (Caritas, FAO, Banco Alimentar contra a Fome, etc) 	Acolhimento e registo do sumário Síntese da aula anterior: Na cultura hebraica, os alimentos são uma dádiva de Deus. Na Bíblia os alimentos têm significado simbólico e religioso. PowerPoint sobre as causas da fome e instituições no combate a este flagelo: (ANEXO 6A) -Pequena Introdução - Visionamento - Diálogo Realização de uma Ficha de Trabalho sobre a temática abordada: (ANEXO 6B) - Resolução da Ficha de Trabalho - Correção - Conclusão	Caderno do aluno Esferográfica Quadro e Marcador Computador Projetor Ficha de Trabalho Lápis	5 2 3 15 5 5 10 5	O professor verifica a presença dos alunos. O professor verifica se os alunos registam o sumário O professor observa o interesse, compreensão e a participação dos alunos O professor verifica se os alunos apresentam dificuldades na resolução da ficha O professor observa a participação escrita e oral dos alunos
SÍNTESE: A fome é um dos maiores flagelos da humanidade. Existem causas naturais e causas humanas para a fome. Mundialmente surgem organizações que defendem as pessoas deste flagelo. Todos nós devemos estar conscientes que este é um problema que a todos pode afetar.					



OFICINAS DE SÃO JOSÉ – ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA
ANO LETIVO 2011/2012
PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV – Educação Moral Religiosa Católica

6ºANO – Unidade Letiva 4: “O Pão de cada dia”					Lição nº28 Aula nº 5
22.05.2012					
<p>Competências:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana. 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano. 12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, Assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo. 					
<p>Sumário: Obras de promoção humana: o trabalho das Santas Casas da Misericórdia, do Salsal e da “Terra Mãe”. Dinamização de um trabalho de um sobre a criação de uma obra/instituição.</p>					
Operacionalização das Competências	Conteúdos	Estratégias de aprendizagem	Recursos Materiais	⌚ 45 m	Avaliação Formativa
<p>3. Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. (Comp.1 e 9)</p> <p>4. Mobilizar os valores da dignidade de todos as pessoas e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistências (Comp. 1, 9, 10 e 12)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome (Santa Casa da Misericórdia, Salsal, Associação “Terra Mãe”) 	<p>Acolhimento e registo do sumário</p> <p>Síntese da aula anterior: A fome é um dos maiores flagelos da humanidade. Existem organizações que defendem as pessoas.</p>	<p>Caderno do aluno Esferográfica</p>	5	<p>O professor verifica a presença dos alunos.</p>
		<p>Leitura e análise de alguns textos das págs.168 e 169 (Recurso a um PPS relativo às questões a tratar- em anexo) (ANEXO 7)</p>	<p>Quadro e Marcador</p>	3	
		<p>Trabalho de Grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Divisão da turma em 6 grupos - Criação de uma obra/instituição, onde conste o nome, objetivos, atividades, campo de ação, logotipo. 	<p>Manual do aluno Computador Projektor</p> <p>Manual do aluno Cartolina Marcadores Lápis Borracha Esferográfica</p>	10	<p>O professor observa nos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a organização - o interesse - a atenção, - a participação - o comportamento - a responsabilidade
		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação à 	<p>Quadro Caneta Computador Projektor</p>	10 2	

		turma			
		- Conclusão			
SÍNTESE: As obras de promoção humana, promovem os valores de solidariedade e fraternidade e ajudam a combater as injustiças sociais, a pobreza e a fome.					

Prof. Luis Maia



OFICINAS DE SÃO JOSÉ – ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA
ANO LETIVO 2011/2012
PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV – Educação Moral Religiosa Católica

6ºANO – Unidade Letiva 4: “O Pão de cada dia”					Lição nº29 Aula nº 6	
					29.05.2012	
<p>Competências:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana. 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. 14. Identificar o núcleo central construtivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo. 23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes. 24. Reconhecer as implicações da mensagem Bíblica, nas práticas da vida quotidiana. 						
<p>Sumário: A parábola do Rico Insensato. Jesus ensina-nos a não desejar a riqueza desmedida. Realização de um trabalho prático alusivo ao tema solidariedade.</p>						
Operacionalização das Competências	Conteúdos	Estratégias de aprendizagem	Recursos Materiais	⌚ 45 m	Avaliação Formativa	
<p>3. Mobilizar os valores da dignidade de todos as pessoas e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistências (Comp. 1 e 9)</p> <p>5. Interpretar textos bíblicos sobre a relação do ser humano com os bens materiais, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 9, 14, 23 e 24)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Parábola do Rico Insensato: Lc. 12, 13-21 	<p>Acolhimento e registo do sumário</p>	<p>Caderno do aluno Esferográfica</p>	5	<p>O professor verifica se os alunos registam o sumário</p>	
		<p>Síntese da aula anterior: As obras de promoção humana, promovem os valores da solidariedade e da fraternidade, ajudando a combater as injustiças sociais, a pobreza e a fome.</p>	<p>Quadro e Marcador</p>	10		<p>O professor observa a atenção e a concentração dos alunos</p>
		<p>Visionamento da Parábola : http://www.youtube.com/watch?v=CJFI s33OIWw</p> <p>- Diálogo acerca do filme visionado - Resolução de uma Ficha de Trabalho sobre o Tema</p>	<p>Computador Projektor</p>	3	<p>O professor incentiva a participação escrita e oral dos alunos</p>	
		<p>(ANEXO 8) - Partilha e correção</p>	<p>Ficha de Trabalho Lápis Borracha</p>	5		
		<p>Realização de um marcador de livros alusivo à Solidariedade: - Explicação da</p>	<p>Marcadores Cartolinas Cola Papel de Felcro Ráfia</p>	15	<p>O professor observa o interesse, motivação e criatividade dos alunos</p>	
	<p>Papel de Felcro Ráfia</p>	2				

		atividade - Entrega do material - Partilha e Conclusão (ANEXO 9)			
--	--	---	--	--	--

SÍNTESE: Jesus ensina-nos a não desejar a riqueza desmedida. O verdadeiro valor da nossa vida é aquele que nos aproxima dos outros e de Deus. Pela solidariedade fortalecemos a nobreza do nosso coração.

Prof.^a Cristina Marques



OFICINAS DE SÃO JOSÉ – ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA
ANO LETIVO 2011/2012
PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV – Educação Moral Religiosa Católica

6ºANO – Unidade Letiva 4: “O Pão de cada dia”					Lição nº 30 Aula nº 7
05.06.2012					
Competências:					
5. Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico religioso do alimento.					
Sumário: Apresentação e avaliação dos trabalhos elaborados pelos alunos alusivos ao temada simbologia dos alimentos na Bíblia.					
Operacionalização das Competências	Conteúdos	Estratégias de aprendizagem	Recursos Materiais	⌚ 45 m	Avaliação Formativa
3. Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico-religioso do alimento. (Comp. 5)	<ul style="list-style-type: none"> O significado simbólico-religioso do alimento. 	Acolhimento e registo do sumário Síntese da aula anterior: Jesus ensina-nos a não desejar a riqueza desmedida. O verdadeiro valor da nossa vida é aquele que nos aproxima dos outros e de Deus. Pela solidariedade fortalecemos a nobreza do nosso coração.	Caderno do aluno Esferográfica Quadro e Marcador	5	O professor verifica se os alunos registam o sumário
		<ul style="list-style-type: none"> Proposta de Ficha de autoavaliação (ANEXO 10)	Ficha de auto avaliação Trabalhos diversos elaborados pelos alunos	15	O professor incentiva a participação escrita e oral dos alunos
		<ul style="list-style-type: none"> Os alunos apresentam brevemente o trabalho realizado. 		5	O professor observa o interesse, o empenho, a motivação e criatividade dos alunos
		<ul style="list-style-type: none"> Explicação do trabalho à turma 		10	
		<ul style="list-style-type: none"> A professora faz apreciação global da turma e a avaliação individual. 		5	
SÍNTESE: É importante todo o trabalho prático elaborado posteriormente, bem como, o seu resultado no aprofundamento das temáticas abordadas na aula, o que enriquece em muito os interesses dos discentes pela disciplina.					

UL 4: O PÃO DE CADA DIA

AULAS LECIONADAS NA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

MATERIAIS DE APOIO À LECIONAÇÃO

ANEXOS

DIVERSA SAÚDE

ALIMENTAÇÃO



IMPORTANTE ENERGIA

**CONVÍVIO
CULTURA
NECESSIDADE**

**RELAÇÃO
DE
FRATERNIDADE**

Educação Moral e Religiosa Católica

O PÃO DE CADA DIA



Oficinas de São José - Lisboa



1

A Alimentação na Cultura Bíblica



Simbologia judaico-cristã dos alimentos



A Maçã



✓ A maçã está associada ao relato bíblico do Jardim do Éden. Da desobediência de Adão e Eva, em que Deus proibiu comer da **árvore do conhecimento do bem e do mal**, a maçã passou a simbolizar o fruto proibido. Desta desobediência, Adão e Eva foram expulsos do paraíso, introduzindo o pecado no coração da humanidade.

(Gen 2, 16-17)

O Azeite



- ✓ O **Azeite** é um principais frutos da terra prometida e sinal de bênção divina. Simboliza a **alegria, a fraternidade, a riqueza e a abundância**. O azeite servia para curar feridas, para temperar alimentos e para iluminar. No AT, os reis os profetas e os sacerdotes de Israel eram ungidos com azeite, para significar a bênção para o exercício da missão. Nas celebrações cristãs, o azeite está presente nos sacramentos do batismo, da confirmação, da ordem e da unção dos doentes.
- ✓ A **oliveira**, árvore que produz a azeitona, de onde é produzido o azeite, simboliza a **Paz e a reconciliação**.

O Leite e o Mel



- ✓ O leite é o primeiro alimento que tomamos e no início da vida dependemos dele. Na Bíblia, a terra prometida, Canaã, é uma **«terra onde corre leite e mel»**, uma terra **fértil**, onde há **abundância de bens essenciais à sobrevivência e prosperidade** do povo.

(Dt 6, 3)



A Figueira



- ✓ O figo era um dos principais alimentos do povo judeu.
 - ✓ No livro do Génesis, Adão e Eva, depois de comerem o fruto da árvore proibida, perceberam que estavam nus e cobriram-se com folhas de figueira.
 - ✓ A parábola da figueira estéril, contada por Jesus, representa as pessoas que não são frutos de bondade e de fraternidade.
- (Gen 3, 7; Lc 13, 6-9)**

O Pão



- ✓ O pão é o símbolo do **alimento essencial**. No AT, o pão ázimo (sem fermento) simbolizava as privações do povo hebreu escravizado no Egito. O **maná** é o pão caído dos céus para alimentar o povo hebreu na travessia do deserto do Sinai. Nos evangelhos, **Jesus** é o novo maná, o pão da vida descido do céu, que é alimento para as multidões.

(Ex 12, 15-20; Jo 6, 22-58)

O Vinho



✓ O **vinho** está associado ao **sangue**. Na tradição bíblica, simboliza a **alegria**. No Evangelho de São João, é um dos alimentos principais da eucaristia. A videira era considerada uma árvore sagrada pelos povos do Médio Oriente. Na Bíblia, a vinha, tal como o vinho, **representam a vinda do reino de**

Deus.

(SI 104; Jo 2)

Proposta de atividade

Trabalho individual:

- **Realização** do ponto 4 da ficha nº 40 do Caderno do Aluno - **5 m**

- **Correção da ficha – 5 m**

A Última Ceia

A **Última Ceia** foi a última refeição que Jesus tomou com os seus discípulos. Antes de ser preso e morto Jesus comeu e bebeu com os seus discípulos uma refeição pascal, igual à dos judeus, mas atribuiu-lhe um novo significado:


- o pão era o seu corpo;
- o vinho o seu sangue;
- Jesus anunciou que Ele próprio se encontrava presente no pão e no vinho. Jesus doou a sua vida pelo bem da Humanidade. É o verdadeiro alimento dos que acreditam.



(Mt 26, 26-29; Lc 22, 14-20)


Síntese da aula

1. Na cultura hebraica, os alimentos são uma dádiva de Deus.
2. Na Bíblia os alimentos têm um significado simbólico e religioso.
3. Jesus doou a sua vida pelo bem da Humanidade. É o verdadeiro alimento dos que acreditam.



A ALIMENTAÇÃO E AS CAUSAS DA FOME

Oficinas de São José - Associação Educativa
Ano letivo 2011/2012
6º ANO
UNIDADE LECTIVA 4-O PÃO DE CADA DIA



A ALIMENTAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS!

- A Declaração Universal dos Direitos Humanos, reconhece no seu artigo 25º o direitos de todos a um nível de vida, que garanta o acesso aos bens alimentares:



- *“Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família a saúde e o bem estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda aos serviços sociais necessários”.*

◦ (Excerto 25º artigo da Dec.Univ.dos Direitos Humanos)

A alimentação é um direito inalienável de todos os seres humanos que deriva do direito à vida.

A sobrevivência e a saúde dependem do acesso à alimentação equilibrada. Não pode esta ser negada a ninguém.

A restrição do acesso à alimentação, a pobreza e a subnutrição são calamidades que não se justificam, pois existem recursos alimentares suficientes para responder às necessidades de todas as pessoas!



AS CAUSAS DA FOME

- ◉ A fome é um dos maiores flagelos da humanidade.
- ◉ É uma das maiores causas de morte de milhões de pessoas.
- ◉ Muitas pessoas em todo o Mundo passam fome ou estão subnutridas, apresentando graves carências alimentares.



AS CAUSAS DA FOME

- Repartição da população subnutrida pelo mundo:
 - ❖ FAO (Organismo das Nações Unidas para a Agricultura), apresentou um estudo (2000/2002) que apontou para os seguintes números:
 - 852 milhões pessoas subnutridas:
 - destas 815 milhões pertenciam a países em desenvolvimento,
 - 28 milhões integravam países em transição,
 - 9 milhões dos países industrializados.



AS CAUSAS DA FOME:

- Causas Naturais
- Causas Humanas



CAUSAS NATURAIS

- Seca
- Inundações
- Terramotos
- Desertificação (*)
- Desflorestação (*)
- Problemas ecológicos (*)

➤(*) Estes também podem ser resultado de causa humana, quando o Homem deixa falar mais alto o seu egoísmo e a sua ambição.



CAUSAS HUMANAS

- Ação do homem:
- Precariedade laboral
- Desemprego
- Baixa remuneração
- Interesses económicos
- Especulação de preços
- Ambição
- Guerras
- Escassez de alimento
- Exploração excessiva dos recursos
- Desflorestação
- Desertificação
- Problemas ecológicos

CONSEQUÊNCIAS DAS GUERRAS:

- ◉ A escassez de alimento surge sempre que existem conflitos e guerras.

A destruição que resulta dos conflitos armados limita, impossibilita a produção de alimentos necessários.

- ◉ O acesso ao alimento pode ser utilizado como pressão e instrumento de hostilidade.
- ◉ Proibição de acesso aos corredores humanitários. (Espaços de passagem protegida que facultam o acesso aos bens alimentares às populações - Impedimento de ajuda/considerado crime)
- ◉ Tática militar de rendição pela fome e sede.

CONSEQUÊNCIAS DA DESFLORESTAÇÃO E DA DESERTIFICAÇÃO:

- ◉ Resultam da ação humana.
- ◉ O Homem pelo seu comportamento pode alterar muito o funcionamento do Planeta.
- ◉ As catástrofes naturais são por vezes resultado da ação do Homem, pela exploração excessiva que o ser humano faz dos recursos naturais, colocando em perigo o equilíbrio da natureza.
- ◉ Comportamento resultantes da ambição desmedida e da egoísmo e desejo de riqueza e poder.

CONSEQUÊNCIAS DOS PROBLEMAS ECONÓMICOS:

- ◉ A especulação dos alimentos e prioridades económicas estabelecidas nos diferentes países levam milhões de pessoas a sofrer de desnutrição e a morrer à fome.



- ◉ A produção não é controlada a partir das necessidades das pessoas, mas da especulação financeira dos preços a atribuir aos bens. Afetando assim as populações mais pobres, devido ao aumento exagerado de preços, causado pela redução disponível de cereais.

CONSEQUÊNCIAS DOS PROBLEMAS ECONÓMICOS (II):

- ◉ O resultado é a enorme dificuldade de garantir os recursos necessários à sobrevivência das populações.



- ◉ Pobreza causada pela dificuldade de acesso ao trabalho, pela situação precária laboral, pela baixa remuneração pelo trabalho exercido origina a vulnerabilidade económica das famílias, tendo como consequência o desequilíbrio alimentar das famílias.



ORGANIZAÇÕES DE DEFESA DAS POPULAÇÕES:

- FAO (organismo das Nações Unidas para o desenvolvimento da agricultura)
- CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL
- ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS
- CARITAS
- outras



CONCLUSÃO:

A fome é uma realidade a que não podemos ficar indiferentes, independentemente das suas causas: humanas ou naturais.

Devemos mudar as atitudes e consciencializar todas as pessoas para uma realidade que pode atingir qualquer população.



Universidade Católica Portuguesa
Mestrado Ciências Religiosas 2ºAno
Oficinas de São José -6ºano
Profª Estagiária: Cristina Marques



Nome : _____

6º Ano

Turma: _____

Depois do PowerPoint visionado, responde às seguintes questões:

1. Qual o documento que afirma o direito à alimentação?

2. Quais são os Direitos Humanos?

3. Identifica os tipos de causas que podem levar à fome?

3.1. Dá exemplos de causas humanas?

3.2. Dá exemplos de causas naturais?

4. Identifica as instituições apoiam as vítimas da fome?

5. Observa as imagens e cria um slogan que apele para a causa da luta contra a fome.



Profª Cristina Marques

Educação Moral e Religiosa Católica

O PÃO DE CADA DIA



Oficinas de São José - Lisboa



1

Síntese da aula anterior

- 1. A fome é um dos maiores flagelos da humanidade.**
- 2. As causas da fome são naturais e humanas.**
- 3. Existem organizações que defendem as pessoas deste flagelo.**

Obras de Promoção Humana



Instituições de Solidariedade Social

**SANTA
CASA**
Misericórdia de Lisboa. Por boas causas.



Banco Alimentar
contra a fome




CÁRITAS
PORTUGUESA



1. Santa Casa da Misericórdia



- ✓ Em 1498, a população de Portugal, viveu uma fase difícil. Aumentou o desemprego, a miséria e a fome.
- ✓ Neste contexto, a Rainha D. Leonor, esposa do Rei D. João II, fundou a primeira Misericórdia.
- ✓ A nova Confraria, teve a sua sede na catedral de Lisboa e orientava-se pelos princípios evangélicos e da fraternidade cristã (Mt 25, 31 ss). Apoiava os mais necessitados.

Objetivos e Atividades

- ✓ A Misericórdia atuava junto dos presos, dos pobres, dos desvalidos, das viúvas, dos órfãos e dos doentes.
- ✓ Apoiava as pessoas que caíam na miséria e combatiam a pobreza escondida.
- ✓ Os seus membros participavam nas cerimónias religiosas, procissões e funerais.
- ✓ Os presos e condenados recebiam apoio moral da Irmandade da Misericórdia, quando eram condenados à morte.

2. SolSal – Solidariedade Salesiana

Objetivos: **à luz do sistema preventivo de D. Bosco**



- Acompanhar e orientar crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade;
- Educar para uma participação social ativa, responsável e solidária dos jovens promovendo a reflexão através de uma educação intrinsecamente evangelizadora;

3. Associação «Terra Mãe»



- ✓ Constituição da Associação – 31 de Maio de 2001, Alcáçovas, Viana do Alentejo.
- ✓ Objetivo geral: Construção de um Lar e Centro de Acolhimento para crianças e jovens;
- ✓ Nasceu para apoiar pessoas com carência económica, no combate à pobreza, abandono, maus tratos, abusos sexuais, exclusão social, e no apoio psicológico e moral.
- ✓ De origem cristã; princípios evangélicos.

Proposta de atividade

Trabalho de grupo:

- Divisão da turma em grupos (6 grupos de 5);
- Criação de uma obra/instituição, onde conste o nome, objetivos, atividades, campo de ação, logotipo; (15 m)

- **Apresentação** da atividade à turma

Síntese da aula

- 1. As obras de promoção humana, promovem os valores de solidariedade e fraternidade;**

- 2. Ajudam a combater a fome, a pobreza e as injustiças sociais.**



Nome : _____ 6º Ano Turma: _____

Depois do filme visionado e do tema abordado na aula, responde às seguintes questões:



A parábola encaminha-nos para uma lição de vida.

1. O que é uma Parábola?

2. Qual o tema desta Parábola?

3. Como poderemos nós viver este ensinamento de Jesus?

4. Que mensagem pretendia Jesus transmitir?

MATERIAIS PARA ELABORAÇÃO DE UM MARCADOR DE LIVROS:



FICHA DE AUTO – AVALIAÇÃO**NOME:**

ITENS DE AVALIAÇÃO		1.º PERÍODO	2.º PERÍODO	3.º PERÍODO
Planifico o trabalho a desenvolver	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Investigo e seleciono informação	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Organizo a informação e apresento conclusões	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Dou as minhas opiniões de forma construtiva	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Escuto e respeito as opiniões dos meus colegas	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Utilizo as TIC	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Executo as tarefas dentro dos prazos solicitados	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Realizo as atividades por iniciativa própria	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Realizo, com rigor, os trabalhos solicitados	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Falo e escrevo com correção	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Respeito os outros e as regras	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Organizo e trago sempre os materiais Tenho o Caderno Diário organizado	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Tenho um bom comportamento	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Apresento os trabalhos com conhecimento e maturidade	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			
Compreendo a mensagem moral e cristã	Sempre			
	Algumas vezes			
	Nem sempre			



Ano letivo 2011/2012

EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ficha de Avaliação – 6º Ano Turma: A

1.1 Comenta a seguinte frase: “O aspeto central das refeições não se encontra tanto nos alimentos em si mesmos, mas na relação de fraternidade entre as pessoas que partilham as mesmas refeições”.

1. 2 Completa o seguinte texto com os vocábulos que se encontram no banco de palavras.

grega / consumo / direitos / sobrevivência / civil / portuguesa/
religioso / alimentos / dádiva / normas / Deus / bíblica / bens

Na cultura hebraica, os bens alimentares representam uma _____ de _____ essencial à _____ do ser humano. Contudo, na cultura _____ nem todos os _____ são próprios para _____ e o seu uso é regulado por _____ de carácter _____.

2. Os alimentos têm diferentes simbologias na cultura bíblica.

2.1 Descobre o símbolo descrito em cada uma das frases seguintes:

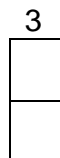
- _____ a) Estava associado ao sangue e simbolizava também a alegria.
_____ b) Era o «pão» que Deus fez descer do céu para alimentar o povo durante a travessia do deserto.
_____ c) As suas folhas serviram para cobrir a nudez de Adão e de Eva.
_____ d) Simbolizava a abundância.
_____ e) Este produto era usado para ungir os reis, os profetas e os sacerdotes de Israel.
_____ f) A tradição associou-o ao fruto da «árvore do conhecimento do bem e do mal» e à desobediência do homem e da mulher.

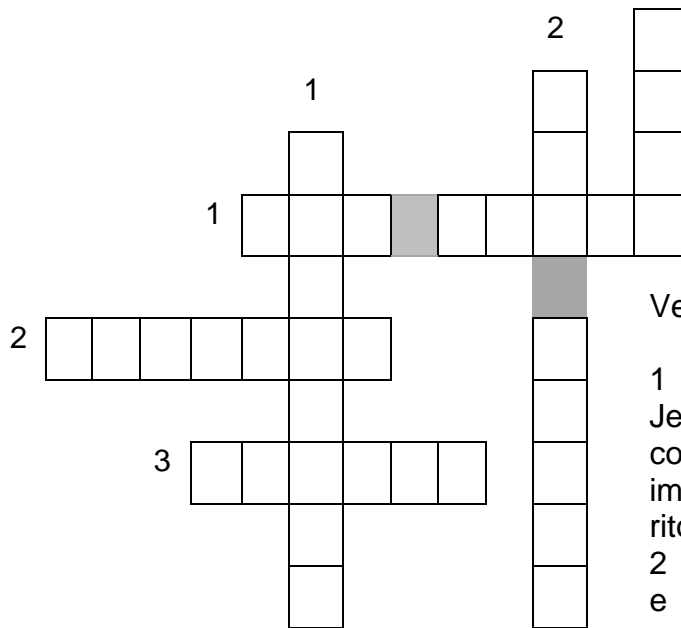
2.2 Completa o crucigrama seguinte:

Horizontais:

1 - Este produto representa as privações do povo hebreu escravizado no Egipto (duas palavras).

2 – Livro em que a terra prometida é descrita como um lugar abundante em alimento.





Verticais:

- 1 - Grupo social com o qual Jesus entrou muitas vezes em conflito devido à excessiva importância que davam aos ritos de purificação.
- 2 - Oração que Jesus ensinou e que faz referência ao pão quotidiano.

3. Observa a pintura e responde às questões seguintes:



3.1 Que acontecimento aparece retratado nesta pintura?

3.2 Que significado atribuiu Jesus ao pão e ao vinho durante esta refeição?

3.3 Como se chama o sacramento no qual é repetida a dádiva fraterna de Jesus pela humanidade?

4. Nas nossas aulas falámos também da importância que tem a partilha da riqueza na vida das pessoas.

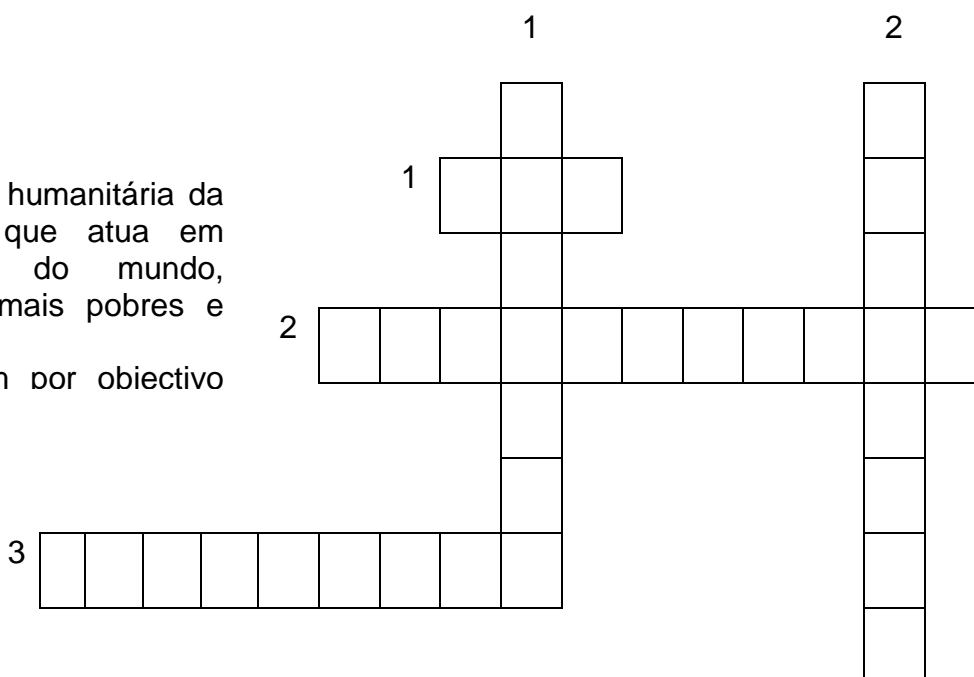
4.1 Na *parábola do rico insensato*, Jesus refere que (assinala com V ou F):

- a) o principal objetivo da vida humana é acumular bens materiais e guardá-los para não serem roubados.
- b) a vida humana não depende da abundância dos bens materiais.
- c) o mais importante é ser rico aos olhos de Deus.

5. Tendo em conta a importância da luta contra a fome no mundo, resolve o seguinte crucigrama:

Verticais:

- 1 – Organização humanitária da Igreja Católica que atua em muitos países do mundo, dignificando os mais pobres e excluídos.
- 2 – A FAO tem por objetivo



Horizontais:

- 1 – Sigla do organismo das Nações Unidas com a seguinte designação: Food and Agriculture Organization.
- 2 – A FAO promove o desenvolvimento desta atividade humana, que visa a produção de alimentos.
- 3 – O Banco Alimentar tem como atividade principal a sua recolha e distribuição.

6. Explica qual a missão da Caritas.

7. Assinala as alíneas que se referem aos valores que orientam o voluntariado.

- a) Solidariedade

- b) Avareza
- c) Gratuidade
- d) Egoísmo
- e) Justiça

8. O livro do Génesis relata a existência de um dilúvio universal.

8.1 Quais as causas desse dilúvio?

8.2 Através de Noé, Deus (assinala com um x a opção correta):

- a) quis salvar a humanidade.
- b) quis deslocar todos os seres vivos para outro lugar

8.3 Quem entrou na arca?

8.4 Deus abençoou Noé e a sua família dizendo:

- a) “Sejam férteis, cresçam e encham a Terra”.
- b) “Sejam felizes, estão perdoados, tomem conta da Terra”.



Bom trabalho!

Profª Cristina Marques e Prof. Luis Maia



Ano letivo 2011/2012

EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Grelha de Correção da Ficha de Avaliação

6º Ano Turma: A

1.

1.1.)- 10 valores

1.2.)- 2 x 8= 16 valores

2.

2.1.)- 2 x 12= 12 valores

2.2. Verticais – 3 x 2 = 6 valores

Horizontais- 3x 2= 6 valores

3.

3.1) – 6 valores

3.2)- 6 valores

3.3.)- 6 valores

4.

4.1.)- 2x 3= 6 valores

5)- 2.2. Verticais – 2 x 2 = 4 valores

Horizontais- 3x 2= 6 valores

6)- 6 valores

7)- 2 x 5= 10 valores



MATERIAIS DIVERSOS CONSTRUÍDOS PARA A UL4 -6ºANO

(NÃO FORAM APLICADOS NA PLANIFICAÇÃO QUE ESTRUTUREI)



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____

O Coração Bola de Neve

O Tomás era um rapazinho de olhos grandes e vivos, muito educado, mas também muito tímido e complexado por causa da sua cor – era negrinho.

Passava os dias a brincar sozinho com o seu cão ou a ajudar os pais no que fosse preciso.

Um dia a mãe disse-lhe:

- Meu filho, está na altura de ires para a escola. Vais aprender a ler e a escrever e a ser um grande homem, útil à sociedade.

E ele lá foi, radiante!

Mas... que grande decepção!

Era o único menino escurinho na escola e todos olhavam para ele com ar de gozo.

O pior foi durante o intervalo. Só se ouvia por todo o lado, os meninos a gritarem, chamarem-lhe Bola de Neve.

Foi demasiado para o Tomás. Saiu da escola furioso, desesperado e desatou a correr, até não aguentar mais.

A certa altura parou, enxugou as lágrimas e pensou, revoltado:

- Porque é que eu não posso ser clarinho como os outros meninos?

Foi então que viu, numa montra, um cartaz publicitário que anunciava um sabão milagroso - um sabão que punha tudo branco.

Entusiasmado com a ideia, contou as moedas que tinha na mochila e dirigiu-se à loja.

- Este sabão põe tudo branco, não é verdade?
- Sim, sim... - respondeu o rapaz da caixa.

Cheio de esperança, logo que chegou a casa meteu-se dentro da banheira e esfregou-se energicamente durante muito tempo, com o tal sabão. Mas... o milagre demorava, a pele já sangrava... e ... nada de ficar branca.

Profundamente dececionado, o Tomás pôs-se de novo a chorar.

A mãe, foi em socorro do filho que soluçava:

- Mãe, eu queria ser branco. Queria que os outros meninos gostassem de mim...
- Olha, meu filho, não importa a cor da tua pele, o mais importante é a cor do teu coração e esse eu sei que é branco.
- Mas o coração não se vê...
- Enganas-te, Tomás, vê-se, e muito bem, através da tua disposição e das tuas ações.
- Eu não percebo...
- Se fores simpático, bondoso, bem educado para todos, terás um coração branco como a neve e os teus colegas vão querer ser teus amigos, vão até esquecer que por fora és escuro.
- Que grande alívio!

No outro dia, já livre de mágoas e complexos, quando chegou à escola, o Tomás disse aos colegas, com o maior sorriso do mundo:

- Afinal vocês tinham razão, o meu coração é branco como uma bola de neve.

E a partir daquele dia, as coisas modificaram-se, o Tomás nunca mais quis ter pele branca e os colegas gostavam dele porque era o melhor amigo de todos.

1. O Tomás foi para a escola:

- a) Muito contente
- b) Contrariado
- c) Arrependido

2. Os colegas chamaram-lhe Bola de Neve porque:

- a) Ele é branco
- b) Queriam gozar com a sua cor

c) Ele gostava de brincar com neve

3. Com o sabão milagroso o Tomás:

- a) Lavou a roupa
- b) Lavou a banheira
- c) Esfregou o seu corpo

4. A mãe disse-lhe para:

- a) Continuar a lavar
- b) Modificar a sua atitude
- c) Fugir dos colegas

5. Podemos concluir que o mais importante é:

- a) Ser bom e simpático
- b) Ter um rosto bonito
- c) Zangar-se facilmente

Questões para refletires:

1. Qual a mensagem que o texto que acabaste de ler pretende transmitir?
2. Qual a tua opinião sobre a atitude dos colegas do Bola de Neve?
3. Como reagirias tu perante um menino de cor de pele diferente da tua?

Não te esqueças que:

...o importante é o nosso coração e não a cor da pele. São as nossas ações que fazem o nosso coração ser bonito. Aceitar o outro, sabendo que todos somos diferentes, mas todos somos iguais.

ISTO TAMBÉM É SOLIDARIEDADE!



DEUS FEZ-NOS IGUAIS!



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____



6. Refere o que são as Instituições de Solidariedade Social.

7. Quais os objetivos gerais destes organismos?

8. Dá exemplos de outras instituições que conheças.

9. Escolhe instituição das apresentadas na imagem e salienta os aspetos fundamentais desta.



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____



AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

- IMAGINA QUE PRETENDIAS DEFENDER UMA CAUSA SOCIAL E PARA TAL, FUNDAVAS UMA INSTITUIÇÃO.

Agora apresenta:

Nome instituição: _____

Destinatários: _____

Local de ação: _____

Objetivos: _____

Slogan: _____

Logotipo:



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____



Saber Perdoar

"...Um rei quis ajustar contas com os seus criados. Logo ao princípio, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil euros. Não tendo ele com que pagar, o senhor ordenou que fosse preso e que todos os seus bens fossem vendidos, para assim pagar a dívida. O homem lançou-se então a seus pés, dizendo:

- Concede-me um prazo e pagar-te-ei tudo.

Levado pela compaixão, o rei deu-lhe liberdade e perdoou-lhe a dívida.

Ao sair, o criado encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem euros. Segurando-o e ameaçando-o, disse-lhe:

- Paga o que me deves!

O outro, suplicou-lhe:

- Concede-me um prazo e pagar-te-ei.

Mas ele não concordou e mandou-o prender até que lhe pagasse toda a dívida.

Testemunhas desta cena, os seus companheiros desalentados, foram contar ao Rei o que havia acontecido. O Rei mandou-o, então, chamar, e disse-lhe:

- Homem mau e injusto, perdoei-te tudo o que me devias, porque me suplicaste, não devias ter igualmente piedade do teu companheiro como eu tive de ti?

E o senhor revoltado com a injustiça, mandou prendê-lo."

Depois de leres com atenção o texto, responde às seguintes questões:

- 1- Qual a tua opinião acerca das duas atitudes do rei?
- 2- Concordas com a atitude do criado? Porquê?
- 3- Se estivesses na posição do criado o que farias?
- 4- Para sermos perdoados, temos também que saber _____ a quem nos ofende.

Recorda que:

Tolerar é bom,

**Desculpar é maravilhoso,
Perdoar é melhor,
Faz-nos sentir felizes.**

Uma sugestão:

Podes propor aos teus colegas e professora representarem este texto numa das aulas de EMRC.

BOM TRABALHO!!!



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____

CRIANÇAS NO MUNDO....



MENINOS DE TODAS AS CORES

Era uma vez um menino branco, chamado Miguel, que vivia numa terra de meninos brancos e dizia:

É bom ser branco
 porque é branco o açúcar, tão doce
 porque é branco o leite, tão saboroso
 porque é branca a neve, tão linda.

Mas certo dia o menino partiu numa grande viagem e chegou a uma terra onde todos os meninos são amarelos.

Arranjou uma amiga, chamada Flor de Lótus que, como todos os meninos amarelos, dizia:

É bom ser amarelo
 porque é amarelo o sol
 e amarelo o girassol
 mais a areia amarela da praia.

O menino branco meteu-se num barco para continuar a sua viagem e parou numa terra onde todos os meninos são pretos.

Fez-se amigo de um pequeno caçador, chamado Lumumba que, com os outros meninos pretos, dizia:

É bom ser preto
 como a noite
 preto como as azeitonas
 preto como as estradas que nos levam a toda a parte.

O menino branco entrou depois num avião, que só parou numa terra onde todos os meninos são vermelhos. Escolheu, para brincar aos índios, um menino chamado Pena de Águia. E o menino vermelho dizia:

É bom ser vermelho
 da cor das fogueiras
 da cor das cerejas
 e da cor do sangue bem encarnado.

O menino branco foi correndo mundo até uma terra onde todos os meninos são castanhos. Aí fazia corridas de camelo com um menino chamado Ali-Bábá, que dizia:

É bom ser castanho
 como a terra do chão
 os troncos das árvores



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____



OS SENTIMENTOS

Fico feliz quando:

Faço os outros felizes quando:

Amo o próximo quando:



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____

Pensar os Afetos, Viver em Igualdade

Como meio privilegiado de socialização, a escola tem como missão promover a igualdade de oportunidades e educar para os valores do pluralismo e da igualdade entre homens e mulheres, e contribuir para o desenvolvimento de relações afetivas gratificantes e equilibradas.

A eliminação da discriminação em função do género e, conseqüentemente, de relações de intimidade marcadas pela desigualdade e pela violência, constitui uma parte essencial da educação para os direitos humanos, para o respeito pelos direitos e liberdades individuais na perspectiva da construção de uma cidadania para todos e todas.

A escola conjuntamente com a família e vice-versa, devem dar à criança todos os conhecimentos essenciais, para que ele possa fazer juízos de valor, escolhas e promover vivências saudáveis no meio em que este se insere.

Assim, a escola e a família devem informar, alertar, proteger a criança/jovem.



Agora pensa:

- **Sublinha no texto o que considerares mais importante.**
- **Que direitos que aqui se declaram.**
- **Que papel tem a família**
- **Que papel tem a sociedade.**
- **Que papel tem a escola**



EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Ano letivo 2011/2012

Ficha de Trabalho UL 4

6º Ano Turma: A

NOME _____



- Enumera por ordem de importância todos os gestos/valores que consideres fundamentais no relacionamento humano.

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

Bom Trabalho!

